



PUC

Anamaria da Costa Lambert

A MODIFICAÇÃO SUBJETIVA DA ADOLESCÊNCIA

Dissertação de Mestrado

Departamento de Psicologia - 1997

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO

RUA MARQUÊS DE SÃO VICENTE, 225 — CEP 22453

RIO DE JANEIRO — BRASIL

N.Cham. 150 L222 TESE UC

Título A modificação subjetiva da adolescência



Ex.1 PUCB

0135219

Anamaria da Costa Lambert

A Modificação Subjetiva da Adolescência

Dissertação de Mestrado

Dissertação apresentada no Departamento de Psicologia da PUC/ RJ como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Psicologia Clínica.

Orientadora: Cláudia Garcia

Departamento de Psicologia
Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro
março de 1997



UC-00C71660-8

150
L222
YESE JA

Agradecimentos

- À minha orientadora Cláudia Garcia, por sua atenção e interlocução
- À CAPES, pelo estímulo à pesquisa
- A Fernanda CostaMoura, Cristina Duba e Paula Borsoi, amigas de todas as horas, pela interlocução valiosa
- A Maria do Rosário Collier do Rêgo Barros que sempre me contagiou com seu desejo pelo trabalho
- Aos colegas do Centro de Estudo e Pesquisa em Psicanálise com Crianças - ceppac.
- Aos colegas do Núcleo de Atendimento e Transmissão
- Ao Cepsop - USU, pela oportunidade de coordenar, junto com Fernanda CostaMoura, um grupo de pesquisa sobre a adolescência.
- A Nestor Lobo Lima Vaz

Abstract

In order to provide a psychoanalytical approach to the study of the subjective changes related to adolescence we have redefined the concept of development from a psychoanalytical point of view.

We used a few clinical excerpts to help formulate the questions that arise in this very moment of the so called adolescence, questions that tend to demand extra psychic work from the subject.

The review of the psychoanalytical literature on adolescence shows that it can be regarded as the moment of a certain awakening on the part of the subject to the psychic task of providing new solutions, since those he had been using until then proved to be useless, obsolete to deal with the new problems that life brings him.

Resumo

A fim de abordar psicanaliticamente a questão da modificação subjetiva na adolescência, ressituíamos a noção de desenvolvimento conforme se pode entendê-la do ponto de vista da psicanálise.

Recorremos a alguns fragmentos clínicos para evidenciar as questões que emergem nesse momento da chamada adolescência, e que passam a requerer do sujeito um novo trabalho psíquico.

A partir da revisão da literatura psicanalítica sobre a adolescência, mostramos que ela pode ser vista como o momento de um "despertar" do sujeito para um trabalho psíquico de construção de novas respostas, uma vez que as que ele construiu até então lhe aparecem como obsoletas diante das novas exigências, das novas questões que a vida coloca.

Palavras - chave

- Adolescência
- Autoridade paterna
- Complexo de Édipo
- Fantasia incestuosa
- Psicanálise
- Puberdade
- Sexual
- Sujeito

Í N D I C E

Introdução	1
Capítulo 1	
Adolescência: fragmentos da clínica psicanalítica	14
Capítulo 2	
O que há de novo na adolescência: revisão de uma bibliografia	23
2.1 - As transformações da puberdade	29
2.1.1 - O texto freudiano	29
2.1.2 - A psicanálise argentina	41
2.1.3 - A psicanálise francesa	44
2.1.4 - A psicanálise lacaniana	49
Capítulo 3	
Um novo trabalho psíquico para o sujeito: a especificação da ado- lescência para a psicanálise	58
3.1 - O destino dos primeiros objetos de amor	58
3.1.1 - O primeiro tempo da escolha de objeto	58
3.1.2 - O segundo tempo da escolha de objeto	64
3.2 - Mais do que um recalçamento do Édipo?	66
3.3 - O "despertar" para o sexo e o limite da função fálica ..	72
3.3.1 - Um retorno à clínica	76
Considerações finais	82
Bibliografia	87

INTRODUÇÃO

“Nascemos, por assim dizer, em duas etapas: uma para existir, outra para viver; uma para a espécie, outra para o sexo (...) Mas o homem, em geral, não foi feito para permanecer na infância... e esse momento de crise, embora muito curto, tem influências duradouras. Como o bramido do mar precede de longe a tempestade, esta tormentosa revolução anuncia-se através do murmúrio das paixões nascentes; uma fermentação surda adverte sobre a proximidade do perigo. Uma mudança no humor, arrebatamentos freqüentes, uma contínua agitação de espírito tornam a criança quase indisciplinável. Ela fica surda à voz que a torna dócil; é um leão em sua febre; não reconhece seu guia, não quer mais ser governada” (*Emílio*, Jean Jacques Rousseau).

O que podemos verificar na escuta psicanalítica de sujeitos na chamada adolescência é que estão vivendo um tempo de emergência de questões, de urgência de respostas - novas respostas, e escolhas. Um tempo que os convoca à confrontação e ultrapassagem de pontos repetitivos e à realização de separações. É também quando podem acontecer todas as espécies de inibições e sintomatizações.

Mas o que acontece, psicanaliticamente falando, nesse momento da vida de um sujeito, momento esse que se acostumou chamar e reconhecer como adolescência? Este recorte sociológico, esta nomeação de uma "fase" da vida, em nossa sociedade tem estatuto, inclusive jurídico. Mas qual estatuto teria para a psicanálise, ou seja, do ponto de vista do inconsciente? Seria um tempo psíquico diferenciado na vida de um sujeito? O que estaria

implicado de mais radicalmente fundamental nesse tempo, notoriamente fecundo de questões sobre a existência, que imporá essa mudança no modo de inserção de um sujeito no mundo, essa modificação subjetiva tão evidente, mesmo a olhos leigos em psicanálise? Haveria um trabalho psíquico, subjetivo, específico, que poderia vir a caracterizar esse tempo da vida? E que trabalho seria esse? Estas são as questões que abordaremos nessa dissertação.

No trabalho de revisão bibliográfica que realizamos encontramos algumas indicações de estudiosos desse tema que sugerem a existência de um trabalho específico de modificação subjetiva, generalizado sob esse nome - adolescência. Um trabalho psíquico que envolve perdas e lutos, isto é, elaboração da perda; a retomada de antigas questões e exigência de novas respostas relacionadas, por exemplo, à necessidade de lidar com a interdição e a castração de um modo diferente de como vinha fazendo até então; o confronto tanto com as possibilidades de agenciamento de atos antes interditos ou impossibilitados, quanto com a necessidade de arcar com a responsabilidade sobre estes atos. Quais os obstáculos encontrados na realização deste trabalho? O que precisaria ser deduzido para que esse trabalho fosse realizado? Estas são questões mais gerais que nos convocam a esse trabalho de investigação e exame.

É comum que quando se fale de adolescência nos ocorra imediatamente a idéia de desenvolvimento. Este é um tema caro à psicologia, normalmente reservado a esta, e exaustivamente tratado por psicólogos de diversas correntes teóricas. Mas nem por isso precisamos descartar uma reflexão sobre a questão do desenvolvimento, relegando-a ao campo da psicologia, se que-

remos falar da adolescência do ponto de vista da psicanálise. No entanto, a mera transposição das definições correntes de desenvolvimento em psicologia para o âmbito da psicanálise nos traz problemas. Trata-se-á, portanto, de ver como poderemos abordar essa idéia de desenvolvimento a partir da psicanálise.

Para a psicanálise certamente não se trata de localizar cronologicamente a infância, a adolescência ou a idade adulta. Sua perspectiva não é a de pesquisar o desenvolvimento do indivíduo, observando os fenômenos de comportamento e com base nisso descrevê-los e classificá-los objetivamente segundo fases, com objetivos pré-determinados a serem cumpridos, e segundo os quais o grau de maturidade de um indivíduo poderia ser avaliado, tarefa da psicologia. Atualmente, mesmo esse método evolucionista, linear e normativo de tratar o desenvolvimento humano não reina mais sozinho nos domínios da psicologia. Existem novos modos de pensá-lo que enfatizam a concepção de um tempo não linear e as marcas da história de cada sujeito. Castro & Souza (1994) expressam bem uma visão desta nova abordagem, na psicologia:

“Estudar a totalidade do trajeto de vida significa rever a postulação da linearidade temporal, re-avaliando assim a direção irreversível, o sentido de progresso e o valor unívoco emprestado às mudanças” (p. 106).

A partir disso, a noção de desenvolvimento pode passar a considerar simultaneamente progressões e regressões, perdas e ganhos e, sobretudo, descontinuidades e rupturas. Considerar dessa forma o desenvolvimento é promover uma *“reversão semiológica”* (p.106), que altera a compreensão

teleológica da adolescência. Ou seja, altera a explicação da adolescência como uma fase de preparação para o alcance da maturidade, concepção esta que enfatiza o sentido progressivo do desenvolvimento dado pelo curso sequencial da infância à idade adulta. Segundo as autoras, tal reversão semiológica permite que entre em consideração o particular e o universal na re-significação da idéia de adolescência:

" (...) a infância e a idade adulta podem ser consideradas como reveladoras de momentos distintos e dialeticamente implicados dos múltiplos modos de ser e de agir humanos (...). É através da razão dialética que se pode compreender a singularidade dentro da totalidade que a constitui, na interpenetração do social-histórico e do particular" (p. 106/ 107).

As autoras propõem que se conte com um novo sentido para o desenvolvimento humano a partir de uma concepção da temporalidade que tenha dois aspectos fundamentais. Primeiro, o da qualidade do tempo, que se não é visto somente sob o aspecto linear e cronológico, passa a ser considerado em suas descontinuidades, rupturas, saltos, onde a singularidade de cada momento da trajetória particular da vida possa ser compreendida e, desse modo, preservada.

" (...) [tal trajetória] desamarrada de sua sequenciação linear, pode ser concebida como um espaço pluridimensional que explicita simultaneamente as diversas condições da existência humana contidas na diferenciação do tempo biográfico" (p. 117).

O segundo aspecto, denominado no texto de "*diástole do momento*" (p.117), é recortado através da dialética da memória e do esquecimento, no

qual momentos do passado podem ser capturados e re-significados, influenciando a compreensão do presente.

A psicanálise também considera uma outra temporalidade que não a linear, mas a do inconsciente, levando em conta as consequências dessa temporalidade no desenvolvimento do sujeito.

Freud postulou, certa época, estádios¹ de desenvolvimento: oral, anal e fálico. Tais estádios referem-se a modos de organização da libido. O privilégio desta segmentação em fases é dado ao exercício da libido priorizada-mente organizada em torno de determinadas zonas erógenas. Estas organizações Freud nomeou como fase oral, anal e fálica.

Embora essa segmentação traga em si a idéia de sucessão no tempo, sua ênfase, como também observa CostaMoura (1995), não está em qual delas vem primeiro, mas na diferença envolvida entre elas. Mesmo porque a temporalidade aí em questão, por mais que se tente estabelecê-la, é sempre dada *a posteriori*.

Segundo CostaMoura(1995):

“O que importa nesta segmentação é a diferença estabelecida em torno da predominância de uma determinada zona erógena, ou ainda, o importante é que o que está em jogo na fase oral é diferente do que domina na fase anal, ou na organização genital. Cada uma responde a um tipo diferente de exigência feita ao sujeito, um campo determinado de possibilidades em relação ao Outro, balizado pela presença, ou não, de certos elementos e sobretudo determinado pelo tipo de enquadre diferente das experiências de perda e desencontro envolvidos nesta relação” (p. 2).

1 Nunca é demais lembrar a diferença entre estádio: fase, período, época, e estágio: situação transitória, de preparação. As duas palavras denotam temporalidade, mas só a segunda contém a idéia de preparação, de tornar-se apto para uma etapa posterior.

O que é ressaltado, portanto, é a diferença entre o que está envolvido em cada fase e não a especificidade de cada uma delas. Ou melhor, o que as especifica é justamente a diferença entre o que está em jogo em cada um destes estádios. Assim, experimentar que o Outro não tem, ou não dá o que o sujeito quer - questão da fase oral, onde está em jogo a demanda do sujeito - é completamente diferente de experimentar a não-satisfação do Outro com o que o sujeito pode dar, fazer, trazer - questão da fase anal, onde o que está em jogo é a demanda do Outro. Do mesmo modo, a experiência em jogo na fase genital² - a experiência do desencontro, da falta de um objeto adequado, da satisfação sempre parcial - é também completamente diferente daquilo que é experimentado nas fases oral e anal.

O que poderíamos chamar de desenvolvimento, a passagem de uma fase à outra, na visão freudiana, é, portanto, produzido por perda, e não por aquisição ou acréscimo. Um exemplo disso pode ser dado recorrendo aos artigos de Freud "Formulações sobre os Dois Princípios do Funcionamento Mental" (1911), onde ele descreve as funções do princípio do prazer e do princípio de realidade, e a "Interpretação dos Sonhos" (1900) onde retoma a postulação sobre a "primeira experiência de satisfação"³. Em 1900, Freud

2 A leitura feita aqui das fases de organização da libido em Freud segue a direção dada por Lacan. Em relação à fase genital ele afirma no seu seminário 8: "Ora, não pareceria que, naquilo que se pode chamar a terceira fase, e que é o que se chama correntemente de fase genital, a conjunção do desejo, enquanto podendo estar interessado em alguma demanda qualquer do sujeito, deve encontrar seu correspondente, seu idêntico, no desejo do Outro? Se existe um ponto onde o desejo se apresenta como desejo é justamente aí, onde, a primeira acentuação de Freud foi feita para situá-lo para nós, isto é, no nível do desejo sexual, revelado na sua consistência real, e não mais de uma maneira contaminada, deslocada, condensada, metafórica. *Não se trata mais da sexualização de alguma outra função, mas da própria função sexual*" (1960-61, p. 227. Grifo nosso).

3 Freud fala de experiência de satisfação no "Projeto de Psicologia" (1950 [1895]), a partir da parte 11, e retoma subsequentemente na "Interpretação dos Sonhos" (1900), capítulo VII, parte E, além de no "Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental" (1911), e mantém essa noção até o final de sua obra. Freud, usando o modelo da fome, a descreve como uma experiência originária de apaziguamento, graças a uma intervenção exterior, da ten-

afirma que o bebê com fome recatexiza o traço, a marca deixada pela "primeira experiência de satisfação" de sua fome, de seu *buraco no estômago*, tentando, desse modo, através do princípio do prazer, retomar a homeostase do aparelho psíquico. No entanto, por mais que se satisfaça alucinatoriamente a fome não será saciada de fato.

Em 1911, Freud retoma essa questão. Os processos primários obedecem ao princípio do prazer, se esforçam para alcançar prazer, e a atividade psíquica afasta-se de qualquer evento que possa despertar desprazer.

"Nossos sonhos à noite e, quando acordados, nossa tendência a afastar-nos de impressões aflitivas são resquícios do predomínio deste princípio [do prazer] e provas de seu poder (...) quando o estado de repouso psíquico foi originalmente perturbado pelas exigências peremptórias das necessidades internas (...) tudo que havia sido pensado (desejado) foi simplesmente apresentado de maneira alucinatória, tal como ainda acontece hoje em nossos pensamentos oníricos a cada noite. Foi apenas a ausência da satisfação esperada, o desapontamento experimentado, que levou ao abandono desta tentativa de satisfação por meio da alucinação" (p. 278. Grifo nosso).

Assim, a satisfação alucinatória da fome, por exemplo, não é suficiente. O sujeito experimenta uma satisfação parcial, que o empurra ao que Freud chama de "ação específica": agir de modo a encontrar um objeto, e não um traço deste, que satisfaça essa moção pulsional. Para tanto ele deve abandonar, ao menos por algum momento, a satisfação alucinatória. Freud continua:

são interna criada por uma necessidade. Quando reaparece o estado de tensão, a imagem do objeto que proporcionou a satisfação é reinvestida e produz algo análogo a percepção, isto é, uma alucinação, proporcionando uma satisfação alucinatória.

Em vez disso, o aparelho psíquico teve de decidir-se a formar uma concepção das circunstâncias reais no mundo externo e empenhar-se por efetuar nelas uma alteração real. Um novo princípio de funcionamento mental foi assim introduzido; o que se apresentava na mente não era mais o agradável, mas o real mesmo que acontecesse ser desagradável. Este estabelecimento do princípio de realidade provou ser um passo momentoso” (1911, p. 279. Grifo nosso).

Uma vez que o sujeito não tem o objeto que lhe satisfaz, ele deve procurá-lo e dirigir-se a ele a cada vez, submetendo-se ao princípio de realidade. Na verdade, essa experiência de perda que leva o sujeito a promover alguma modificação em sua posição subjetiva, se aplica a qualquer moção pulsional.⁴

Ora, trata-se aí, desde sempre, de uma insatisfação, um *buraco* que permanece aberto forçando o sujeito a abrir uma brecha para o mundo a fim de procurar o objeto de que precisa. Desde sempre, portanto, é pela experiência subjetiva de uma falta, de algo perdido, é pela experiência de perda que o sujeito é levado a se “desenvolver”: chorar pelo alimento, pedi-lo, dizer sim ou não, agir de modo a obtê-lo. Ou seja, “desenvolver-se”, no sentido freudiano, implica o abandono de um certo tipo de satisfação, e a necessidade de recorrer ao mundo dos objetos.

4 Isto apesar de Freud considerar que no tocante às pulsões sexuais a substituição do princípio do prazer pelo de realidade é realizado de um modo especial, por sua articulação com a fantasia. Freud diz: “As pulsões sexuais comportam-se auto-eroticamente à princípio; obtêm sua satisfação do próprio corpo do indivíduo e, portanto, não se encontram na situação de frustração que forçou a instituição do princípio de realidade. Quando, posteriormente, começa o processo de encontrar um objeto, ele é logo interrompido pelo longo período de latência que retarda o desenvolvimento sexual até a puberdade. Estes dois fatores - auto-erotismo e período de latência - ocasionam que a pulsão sexual seja detida em seu desenvolvimento psíquico e permaneça muito mais tempo sob o domínio do princípio do prazer, do qual, em muitas pessoas, nunca é capaz de se afastar. Em consequência destas condições, surge uma vinculação mais estreita entre a pulsão sexual e a fantasia, por um lado, e, por outro, entre as pulsões do ego e as atividades da consciência” (1911, p. 282).

Como vimos, a psicanálise não trabalha em termos de linearidade temporal e de processos cumulativos, cujo efeito seria o de alcançar determinadas fases do desenvolvimento pré-estabelecidas orgânica ou culturalmente. Mas ainda assim, poderia haver quem imaginasse que as fases postuladas por Freud não seriam nada mais que uma nova proposta para se medir a evolução psíquica de um sujeito. No entanto, medir evolução psíquica não é o que interessa à psicanálise, ainda que alguém possa querer fazer esse uso de suas postulações⁵.

Pode-se dizer ainda, com Freud, que a passagem de uma fase à outra não significa o desaparecimento da anterior ou sua superação. Pode persistir algo concernente a cada uma destas fases no que ele chamou de pontos de fixação. Ou seja, pontos de investimento libidinal onde o sujeito se deparou com mais ou menos satisfação. O curioso é que sendo mais satisfação, ou menos satisfação, de qualquer modo o que fica marcado é uma inadequação, satisfação para mais ou para menos, satisfação sempre injusta, inexata, que nunca *cabe como uma luva*.

Também podemos ver que o desaparecimento ou a superação destas fases também não vigora na tese freudiana, pela necessidade imposta pela

5 De fato, a perspectiva de Freud, em certa época (1896, carta 46), parecia ser a de situar cronologicamente o trauma que daria origem à histeria, à neurose obsessiva e à paranóia. No entanto, mesmo se essa fosse a intenção de Freud naquele momento, o que ele descobre posteriormente marcará a sua investigação. Ele descobre vigorando no psiquismo o mecanismo do *nachträglich*, o sentido dado retroativamente. Com isso, Freud promove uma reviravolta em sua teoria do trauma e na idéia de um desenvolvimento temporalmente linear, pois passa a considerar enfaticamente a temporalidade que vige no inconsciente. É curioso notar que quando Freud (1918[1914]) escreve o caso do "Homem dos Lobos" embora pareça tão preocupado em datar o momento do desencadeamento de sua doença, ao mesmo tempo, ou por isso mesmo, ele toma contato com esse modo de funcionamento do psiquismo. Isso o levou a escrever, em 1915, "O Inconsciente", ressaltando seu caráter atemporal. Portanto, o interesse de Freud, mais do que situar cronologicamente o trauma, é o de indicar que terá havido um ponto determinado, um evento que o sujeito não teve como registrar, traduzir psiquicamente. Este ponto é o trauma, diante do qual o sujeito terá de produzir uma defesa. Não obstante, apesar de não ser este o objeto de nosso trabalho, uma questão fica indicada. Se o tempo linear não é o princípio fundamental no psiquismo, ainda assim não podemos descartar o fator temporal na libido, uma vez que podemos seguir no tempo o deslocamento dessa libido.

clínica de se postular o mecanismo de regressão. Este designa que em determinados momentos, sob certas circunstâncias, o sujeito volta a recorrer a modos de exercício libidinal onde havia obtido satisfação, e aos quais já tinha renunciado.

Voltando ao artigo de CostaMoura (1995):

"(...) há dois aspectos importantes a considerar nessa sucessão de estádios: a progressão e o motor (...) em Freud, progressão não é progresso. De estádio a estádio não é de uma aquisição que se trata, mas ao contrário, a ênfase recai sobre a renúncia que se realiza (...) a modos anteriores de funcionamento, mas também, renúncia das posições do sujeito que determinavam estes modos de interação com o Outro (...) Freud nos convida a perguntar a cada etapa o que é preciso perder para aprender. (...) De estádio em estádio o desencontro entre o sujeito e o Outro permanece, o objeto adequado falta, o movimento continua. Com relação ao motor, vemos que o que movimenta o sujeito no desdobramento de sua constituição é o encontro com esta falta de objeto" (p. 2/ 3).

A autora ainda comenta que é comum nas concepções de desenvolvimento creditar o movimento do sujeito a uma dificuldade, um obstáculo, mas que, para Freud, a questão não é que a criança se mova para outro estádio porque um seria mais adequado que o outro, com o seguinte resolvendo os problemas do anterior. Pode-se dizer que a constatação de Freud é a de que a inadequação, seja qual for o estádio ou fase, é a regra que rege os encontros do sujeito com o Outro.

Lacan, em 1956, aponta no texto freudiano ("As pulsões e suas vicissitudes", de 1915) onde está articulada a noção de que não existe harmonia preestabelecida entre o objeto e a tendência:

"Aqui está, extraída de seu artigo sobre as pulsões e suas vicissitudes, a frase de Freud: *O objeto da pulsão é aquele através do qual a pulsão pode atingir seu alvo. Ele é o que há de mais variável na pulsão, nada que lhe esteja originalmente ligado, mas algo que lhe é subordinado apenas em consequência de sua apropriação para seu apaziguamento. Pode-se dizer também: a possibilidade de seu apaziguamento. Trata-se da satisfação na medida em que, segundo o princípio do prazer, o alvo da tendência é alcançar seu próprio apaziguamento (...)* O objeto não lhe está literalmente ligado, senão por condições que lhe são próprias. Em suma, cada um se sai como pode" (p. 60. Grifo nosso).

Portanto, dado que há falta de objeto, e se faz necessário buscá-lo, vê-se que o que move o sujeito através das fases é uma falta que não é imperfeição - sua ou do Outro -, mas falta radical, da estrutura do ser falante, experimentada através das experiências de defasagem entre as demandas do sujeito e do Outro.

"No que se trata de imperfeição se pode pensar em progresso, em movimento linear. Se pode pensar em suma em desenvolvimento - podem acontecer acidentes, mas a direção é uma síntese, um ápice, uma resolução e um descenso. Para Freud o movimento é espiralado, repetitivo. O tempo decorrendo enquanto os encontros com o real [com o que escapa à estrutura lógico-simbólica] reativam no sujeito sempre os mesmos movimentos de investimento no objeto, decepção e retificação (...) sem síntese" (CostaMoura, 1995, p. 4).

O estágio genital da libido, para muitos a fase final, também no sentido de ser o mais "arrumado", mais adaptado, onde se daria a síntese resolutive das fases anteriores, para Freud é só um estágio a mais, jamais superando

totalmente outras formas de organização. Aí não há uma convergência total da libido, pelo contrário. A partir de seus pontos de fixação ela continua a exigir, a dividir o sujeito em seu modo de satisfação. Neste sentido o desenvolvimento freudiano não é evolutivo. A repetição não deixa esperanças de saltos, de ápice, de resolução de uma vez por todas, conforme nota CostaMoura, ainda no mesmo artigo.

“Pontos de progresso podem acontecer, localmente. Mas são contingentes e instáveis. O desenvolvimento não é garantido, e o que se repete é a divisão (...) e o que se adquire, por outro lado, é por repetição. O que se acrescenta emerge por ela. E se algo é responsável pela descontinuidade que se apresenta no desenvolvimento do sujeito com a puberdade é neste novo da repetição que devemos buscá-lo” (1995, p. 4).

A adolescência não será aqui tratada, portanto, referida às idéias de fases ou objetivos pré-determinados a serem alcançados, coordenados à idade cronológica, por não acharmos tal concepção da adolescência concernente ao campo aberto pela psicanálise. Antes, entenderemos a questão das fases baseados na idéia de que o sujeito é convocado, seja do “interior” (comandados pelas moções pulsionais), seja do “exterior” (das demandas do Outro), a efetuar trabalhos e realizações de natureza psíquica.

Nossa perspectiva é a de examinar, com os instrumentos psicanalíticos, esse momento da vida de um sujeito, recortado, delimitado mesmo que é pela cultura, a fim de situar na teoria psicanalítica o que se apresenta na experiência clínica. Para isso, partiremos de dois pontos: a eloquência da clínica, e a forma como a adolescência é pensada na literatura psicanalítica,

recortada pela perspectiva do que se distingue, para cada autor escolhido, como o "novo" trazido pela adolescência por relação à infância.

O que propomos então é pensar, deste ponto de vista, que a adolescência se especifica para a psicanálise como a entrada nesse novo tempo de construção de novas respostas para velhas questões colocadas ao sujeito, de invenção de soluções para o que lhe é trazido como novo. Tempo no qual lhe é exigido um novo trabalho psíquico.

CAPÍTULO 1

ADOLESCÊNCIA: FRAGMENTOS DA CLÍNICA PSICANALÍTICA

Neste capítulo pretendemos circunscrever e, assim, colocar em evidência, através de fragmentos clínicos, algumas questões que se apresentam na escuta psicanalítica dos sujeitos na assim chamada adolescência.

Devemos ressaltar, entretanto, que tais questões apareceram para nós como novas por relação àquelas com as quais lidamos na clínica com crianças. Mais especificamente, ela se fizeram notar a partir de duas vertentes. Uma, a partir do retorno de alguns sujeitos à análise após terem passado por uma análise quando crianças. Ou melhor, o retorno à análise por causa de certas questões qualitativamente diferentes das trazidas anteriormente, que apelavam à novas respostas. Ou então, pela urgência em ressituar-se subjetivamente quanto à antigas questões. Essa retomada, inclusive, colocava a análise anterior como tendo ocorrido num tempo que poderia agora então ser tomado como o da infância, trazendo a dimensão de sua infância como um passado, inaugurando, retroativamente, um outro tempo de sua vida, delineando tempos subjetivos diferentes.

A outra vertente é que pelo fato de trabalharmos com crianças em análise, observamos a diferença entre as questões que elas trazem e as que os ditos adolescentes trazem. Nesse sentido, corroboramos da idéia, comum a certos autores da psicanálise (Aberastury, 1970; Silvestre, 1987, Dolto,

1988), e também ao senso comum, de que há uma passagem que se faz, a partir de certo momento da vida, que se não podemos nomear tão simplesmente de passagem da infância à chamada idade adulta, certamente podemos dizer que se refere a uma travessia de questões relativas à infância, ou ainda, uma saída da infância.

Nosso interesse é pensar de que se trata nesse momento, ao que se refere, e como caberia pensá-lo em psicanálise. Parece-nos que poderíamos localizar este momento através destas questões que, como dissemos antes, se não são todas completamente novas, passam certamente a exigir novas respostas. São questões que denotam que o sujeito está colocado frente a exigência de um novo trabalho psíquico. Por exemplo, aquele que o sujeito tem de fazer para atravessar seu apego à situação familiar, a fim de que possa conseguir na vida o que quer. Esta é uma questão bastante comum aos sujeitos na chamada adolescência.

A tarefa de atravessar o apego à situação familiar pode ser trazida como problema também por aqueles que não são reconhecidos como adolescentes, por conta de sua faixa etária. Cabe aqui perguntar se o que chamamos adolescência pode ser pensado, em psicanálise, como a entrada na exigência de um certo tipo de trabalho psíquico que pode começar a acontecer em qualquer época da vida, e se prolongar indefinidamente, o que, certamente, não é sem consequências.

Partamos de alguns fragmentos clínicos que possam esclarecer as questões em jogo a partir de certo momento da vida.

Numa sessão de análise⁶, uma paciente diz que pensava que o que precisava era do apoio de seus pais, do que estes lhe podiam dar de suporte

⁶ Comunicação oral feita por uma colega psicanalista, que permitiu utilizá-la aqui.

(financeiro, emocional) a fim de poder construir sua vida. Agora, desempregada, com uma relação amorosa fracassada, sua família veio passar algum tempo em sua casa. A mãe constantemente lhe pergunta se já comeu, se quer que faça uma comida diferente da que já fez, se quer que passe alguma roupa. Ela conta que, angustiada, diz à mãe: "não quero nada disso." Perguntou-se, na sessão de análise, sobre o "disso" em sua frase. Ao responder, confrontou-se com suas fantasias sobre aquilo que poderia obter para ela através dos pais, por intermédio deles. Logo deu-se conta de que o que ela queria - dinheiro, um namorado, um trabalho de que gostasse - os pais não podiam obter ou fazer por ela. Ter visto isso era o que, segundo ela, teria provocado o sentimento de angústia. Um passo deve ser dado a partir desse confronto, o de poder ultrapassar, atravessar essas fantasias e poder, de fato, conseguir os meios para se aventurar a conseguir o "isso" que ela quer. O que tem de ser perdido aí a fim de realizar essa travessia?

Num outro fragmento, descrito num artigo de Barros ([1994]1995) um adolescente diz:

"Eu sempre pensei que queria minha mãe, mas não era minha mãe que eu queria, porque não era nada que com sua presença ela pudesse me dar, mas um "colo", um "conforto", que eu sempre falo que quero, mas que ela não pode me dar porque não existe. Eu queria isso de minha namorada. Era o que me fazia ficar escravo dela. Mas agora sei que ela também não pode me dar e por isso não preciso mais ficar escravo das demandas dela. Estou começando a poder dizer não a ela" (p. 55/ 56).

O "colo", o "conforto" foi o que restou fantasmaticamente da esperança daquilo que a mãe poderia lhe dar como satisfação. Ou melhor, o que restou

do modo como ele se satisfazia com a mãe. Esse modo de satisfação ele reproduz com a namorada, e a chance ou a esperança de obter tal satisfação coloca-o numa posição de submeter-se, escravizando-se, ao que a namorada pede dele, ou ao que ele detecta de suas demandas.

F. tem 20 anos e nunca trabalhou, apesar de sua família ter poucos recursos financeiros. Faz um curso, tentando se especializar, e assim, segundo ele, chegar com mais chances ao mercado de trabalho. Não são necessárias muitas sessões para que ele fale que na verdade tem medo de procurar trabalho e não achar, ou de ser demitido. Além disso, há o medo de chegar perto de uma garota e ser rejeitado, de fazer amigos e estes o traírem, medo enfim, como ele mesmo disse, "de enfrentar a vida real". Em sua fala, todos esse medos ele liga de alguma forma à mãe ou ao pai. Quando acaba o curso volta logo para casa, pois sua mãe fica muito preocupada se ele se atrasa; não sai a noite pelo mesmo motivo; não namora com medo de que a mãe se meta, faça um escândalo e passe mal; não pode sair com os amigos porque seu pai que devia dar dinheiro não dá, "não serve nem prá cumprir essa obrigação"; não tem segurança na vida e como homem porque seu pai não lhe "incutiu nenhuma segurança, não ensinou nada", sentindo-se, por isso, "despreparado para a vida". O que o levou a procurar um analista, no posto de saúde de sua cidade, foi exatamente porque quer fazer tudo isso e não consegue. Depois de muito responsabilizar seus pais por tudo o que não consegue fazer, com muita dificuldade ele começa a ver o que ele tem haver com isso de que ele se queixa, a responsabilizar-se pelo que reclama. No entanto, esta subjetivação, o sentido dado retroativamente aos "traumas", como ele chama, que viveu por causa dos pais, aos quais culpa por sua im-

potência, não é suficiente para resolver seus problemas, como ele mesmo nota⁷. Aqui, algo que nem o analista nem os pais podem fazer por ele é convocado. Um passo seu, um ato, uma forma de concluir o que ele terá compreendido, quando chegar seu tempo. O sujeito agora se enfrenta com a necessidade de responsabilizar-se por seus atos. Estes não podem mais ser colocados na dependência do pai.

No texto de Barros (1994) encontramos, na continuação do fragmento clínico já citado, outro exemplo dessa questão da responsabilização:

“Eu desafio meu pai, eu corro risco, chego até um limite, como se nada fosse proibido, mas quando chego lá me dou conta de que não quero aquilo, e que o proibido sou eu que faço ao não querer aquilo. Mas é como se tivesse que desafiar, chegar até ali, quando então vejo que não é por causa do meu pai que não dá, mas porque eu não quero” (Barros, 1994, p. 55).

Este jovem se encontra com o fato de que ele mesmo produz seus próprios limites, entrando em contato com o que é da ordem de sua responsabilidade de sujeito quanto a seu desejo. A fala desse jovem parece evidenciar que em algum momento produz-se uma separação entre o que é interdito pelo pai edípico e sustentado por ele, e aquilo que não é mais da responsabilidade do pai mas sim do sujeito. Ou seja, num dado momento, o sujeito vai se deparar com o fato de que ele próprio, e ninguém mais, terá de sustentar suas escolhas e seus atos, e as consequências destes, bem como as

7 Por isso a psicanálise não é catarse, não é desabafo ou confissão, muito menos exige aconselhamento. Somente o relato da recordação, isto é, o sujeito dar sua própria versão, queixosa, culpando o outro pelo seu mal, ou somente o efeito catártico algumas vezes obtido pela comunicação de algo que havia sido recalcado; ou muito menos só o fato de o sujeito “saber” sobre os motivos que o levaram ao sofrimento psíquico, nada disso basta para uma mudança na posição do sujeito diante desse sofrimento.

consequências do que não faz e deveria fazer a fim de tentar conseguir o que deseja.

Deparar-se com isso, conforme observa CostaMoura (1995), é confrontar-se com o fato de que a lei que vale, a lei que cobra responsabilidade, não é a da interdição edípica. O sujeito, então, experimenta também que o pai não é onisciente nem onipresente. Esse encontro com os limites do pai e com a possibilidade do sujeito poder escolher pelo que até então era proibido a ele, pode ser intempestivo. Se o pai passa a ser visto pelo sujeito já não mais como o guardião da lei, não mais como aquele que faz a lei, mas, ao contrário, como estando também submetido a ela, o sujeito pode vir a se perguntar se agora então poderia fazer tudo o que quer. De qualquer modo, observa-se na clínica a tendência do sujeito a recuar desse confronto com os limites do pai e com a necessidade de assumir a responsabilidade pelo que quer, restaurando um pai interditor. Quanto a isso, CostaMoura (1995) observa as saídas do sujeito diante desse confronto:

“Pode-se dar a restauração do pai pela via sintomática; pode-se recuperar o pai nos mestres, nos sacerdotes, na polícia, todas tentativas de tornar a erigir um pai privador e reivindicar sua interdição, tentando com isto deixar ao encargo deste a responsabilidade que é sua. Ou seja, evitam o encontro com esse limite do pai que conduz à castração, e ter de enfrentar seus efeitos. Outra saída é maldizer o pai ou a si mesmo, forma de restauração do pai que passa pela culpa” (p.2).

Tais questões são bastante diferentes daquelas apresentadas pelas crianças em análise, pois é somente a partir de determinado ponto que o outro demanda e empurra para que o sujeito arque com seus atos, o que não

era exigido com essa força na infância. São questões diferentes também não só pelo que é pedido pelo Outro, mas pela presença do desejo genital em se satisfazer. E ao trilhar seus caminhos, o sujeito se confronta penosamente com a constatação do desencontro que seria próprio, estrutural, do sexual na vida humana, constatação que na infância pode ter ficado encoberta e adiada para o futuro.

Quanto a isso, frequentemente se ouve dos jovens que procuram a análise a questão do que fazer com os restos do Édipo para possibilitar e/ou sustentar o investimento nos novos objetos de amor, uma vez que as soluções e fantasias infantis já não dão mais conta de lidar com o que é pedido pelo parceiro, ou com o que não é conseguido através dele, esperança sempre presente. Por exemplo, uma jovem procura pela segunda vez o analista com a seguinte questão: existiam dois rapazes pelos quais ela se interessava e se sentia sexualmente atraída. Por um deles achava que se tratava somente de atração sexual, e com o outro ela tinha de fato um relacionamento que implicava outros sentimentos - companheirismo, amizade. Seu problema é que ela queria namorar com este último, mas dentre os sentimentos que ela experimentava por ele incluía-se algo que lhe causava estranheza, e a fazia hesitar e querer recuar desse namoro: ela o achava, por vezes, muito parecido com seu pai nas características que ela não gostava em seu pai, o que a fazia hesitar em namorá-lo. Além disso, ainda segundo ela, por vezes sentia-se impelida a agir como sua mãe agia com seu pai, o que ela achava abominável e era fonte de angústia. Mas, ao mesmo tempo, o rapaz a tratava da maneira que, segundo ela, ela nunca havia sido tratada por eles, com carinho e atenção, o que a levava a ligar-se a ele. Para nós, isso levanta a

questão de que se é mesmo pela esteira dos traços deixados pelos objetos primordiais que um sujeito se interessa por novos objetos, do que mais o sujeito deve desapegar-se, além do investimento nesses primeiros objetos, para sustentar sua nova escolha, para que essa escolha não fique ainda apenas às demandas dirigidas aos antigos objetos de amor?

Depois que começou a namorar com o rapaz, esta jovem sentia-se constantemente ameaçada pela possibilidade de perdê-lo, de que ele não gostasse mais dela. Essa ameaça - que era a reativação de seu complexo de castração, conforme descrito por Freud -, a fazia tomar uma posição de ter de anular-se, e assujeitar-se a qualquer coisa que ele dizia sobre ela, para ela. Qualquer movimento ou atitude sua interpretada por ele como uma falha, um defeito, qualquer coisa nela que o decepcionasse, no momento em que era dito a ela, a fazia sentir-se sem lugar, deprimida, e pressionada em ter de fazer algo para recompor para ele uma imagem perfeita dela, e assim reencontrar para si um lugar. Como o jovem no fragmento de Barros, mencionado anteriormente, esta moça viu-se escrava das demandas do namorado, justamente porque estava escravizada a querer obter dele algo que ela não teve dos pais. Aquele jovem estava apegado ao tipo de satisfação que ele achava ter obtido com a mãe, e no caso desta jovem, é ao que ela não tinha obtido do pai que ela estava apegada. No entanto, o efeito é o mesmo - o de se sentir escravizado. Isto porque a escravidão é à insistência em obter um certo tipo de satisfação, tendo o sujeito sido marcado anteriormente com o sinal da presença ou da ausência desta satisfação. Nos dois casos, os primeiros objetos certamente foram abandonados, permitindo o investimento em outros nos quais a satisfação sexual era possível. Mas o que não se

abandonou, desencadeando por isso os problemas, foram as primeiras demandas de satisfação endereçadas àqueles objetos: a satisfação do sujeito ficou atrelada ao que o outro tem ou poderia dar.

Em suma, tentamos localizar aqui algumas questões que se apresentam na clínica, e que marcam uma diferença em relação ao que se escuta na clínica com as crianças. O que se encontra, num primeiro momento, é a necessidade de um a mais de trabalho psíquico que o retorno da pulsão sexual (genital) coloca para o sujeito, instaurando ao menos dois tempos de confrontação com a castração - um na infância, outro, seguindo Freud, a partir da puberdade. Isto nos leva a pensar que estas novas questões - em relação às quais, inclusive, pode-se demarcar *a posteriori* o tempo da infância - poderiam especificar, no campo da psicanálise, esse momento de entrada na adolescência.

CAPÍTULO 2

O QUE HÁ DE NOVO NA ADOLESCÊNCIA: REVISÃO DE UMA BIBLIOGRAFIA PSICANALÍTICA

O adolescente que hoje em dia nós acreditamos conhecer, que polariza as atenções de psicólogos, médicos e educadores não esteve sempre neste lugar privilegiado. Ariès (1975), com sua perspectiva histórico-social, auxilia-nos a mapear a emergência da idéia de adolescência no mundo ocidental.

Segundo este autor, até a virada do século XVI para o XVII pouco se distinguia entre os primeiros anos da vida de um indivíduo e os anos posteriores. Desse modo, logo que uma criança pudesse trabalhar era colocada junto aos adultos a fim de aprender um ofício, passando a submeter-se às mesmas exigências legais. Todavia, pouco a pouco a infância passou a ser considerada como um momento que requer cuidados específicos, tais como proteção, higiene e educação.

A idéia de que o indivíduo jovem tem características que tornam necessário mantê-lo afastado do mundo do trabalho e ser protegido e educado nas escolas, até certa idade, só apareceu quando se pôde prescindir de sua força de trabalho. Isto só foi possível através da reorganização de forças de caráter econômico, social e político, trazida pela ascensão da burguesia, no Novo Regime, que demarcou assim uma nova ordem. Esta trouxe

consigo constituída a família moderna, conjugal, organizada em torno de suas crianças.

“Se na família patriarcal o patrimônio era algo a ser agenciado, trocado, repassado mas não a ser produzido, é o espírito burguês que, na promoção do patrimônio, promove a família e o amor familiar. O amor conjugal, o amor às suas crianças torna-se a mola-mestra, o motor, o alimento dessa agora *cellula mater* que é a família moderna. Como sintetiza Deleuze: preocupação com a descendência mais do que o orgulho com a ascendência” (Elia, 1995, p. 128).

Foi nesse quadro que os educadores - religiosos e moralistas - do século XVII introduziram um certo interesse psicológico, um cuidado e preocupação morais em compreender melhor a infância, visando o aperfeiçoamento moral e espiritual do homem que se constituiria. Esse aperfeiçoamento era um dos objetivos das escolas. No século XVIII, a prática da escolaridade já estava amplamente estabelecida, e Ariès (1975) considera que o prolongamento da escolarização até os 18/ 20 anos (apenas entre os jovens privilegiados) também teria contribuído para diferenciar a adolescência da infância e da idade adulta.

Compartilhando desta mesma perspectiva, também alguns psicólogos, Muuss, 1971, e Bakan, 1971, por exemplo, tendem a enfatizar a adolescência como uma invenção da moderna sociedade industrial. Consideram que o sistema educacional de massas e as leis trabalhistas do século XVIII teriam possibilitado o afastamento de jovens da força de trabalho por mais algum tempo, fazendo surgir um grande contingente de jovens que adquiriram

características e prerrogativas especiais, forjando assim um período de transição para a idade adulta.

Ariès (1975) observa que a adolescência, como um conceito distinto do de infância, também pode ser percebido, de forma embrionária, a partir de uma das principais transformações na educação: a atribuição de um valor moral ao uniforme e à disciplina.

"A correlação entre o adolescente e o soldado, na escola, resultou numa ênfase em características como virilidade e resistência, as quais haviam sido anteriormente negligenciadas, e, desde então, tornaram-se valiosas em si mesmas" (Ariès, 1975, p.193).

Desse modo, quando os exércitos do século XVIII começaram a atrair para suas fileiras os "jovens gloriosos", a "brilhante juventude" (p. 46), algo semelhante ao moderno conceito de adolescência começou a surgir, ainda que de forma bastante rudimentar, torna a ressaltar o autor. A partir daí, também os jovens, além das crianças, tornaram-se a nova preocupação da sociedade, principalmente da parte dos moralistas e dos políticos, com o tipo de homem que o jovem poderia se tornar. Assim, a educação tomou os jovens como alvo, a fim de renovar seus objetivos de produzir adultos adequados aos novos ideais que fundamentavam a nova ordem familiar, social e econômica. A juventude aparecia como

" (...) depositária de valores novos, capazes de reavivar uma sociedade velha e esclerosada (...) Passa-se de uma época sem adolescência a uma época em que ela é a idade favorita. Deseja-se chegar a ela cedo e permanecer aí por muito tempo" (Ariès, 1975, p. 46/47).

Junto a isso, nos fins século XIX, ainda conforme Ariès (1975), presente-se em personagens literários algo da idéia do que hoje chamamos de adolescência. No entanto, para este autor,

" (...) o primeiro adolescente moderno típico foi *Siegfried*, de Wagner: a música de *Siegfried* pela primeira vez exprimiu a mistura de pureza (provisória), de força física, de naturismo, de espontaneidade e de alegria de viver que faria do adolescente o herói do nosso século XX, o século da adolescência " (p. 46).

Foi na passagem para nosso século, conforme a pesquisa de Ariès, que a juventude tornou-se tema literário privilegiado. Bem antes da psicologia e da psicanálise, portanto, também a literatura descreveu e refletiu sobre questões da adolescência. Na literatura recebia um tratamento romântico e idealizado, ou ainda trágico e disruptivo. Mas, de modo geral, o traço comum entre a literatura e os estudos da psicologia e da psicanálise é sua descrição como um período de crise, de transformações e, principalmente, de "passagem" para um novo tempo. Um "segundo nascimento", para Rousseau, em *Emílio*; "a mais deliciosa das transições", para V. Hugo, em *Os trabalhadores do mar*, ou um "despertar da primavera", para Wedekind, na peça que leva este mesmo nome.

Seguindo Ariès em sua pesquisa, pode-se perceber a demarcação, construída socialmente, de um tempo da vida que empurrou para trás a infância, e para frente a idade adulta, e que recebeu o nome de adolescência. Em algum ponto no tempo, esse caráter de conceito construído passou a ser recalcado na cultura, tornando a adolescência reconhecível como tendo sempre estado aí, como algo natural, algo a ser esperado, e até ansiado por al-

guns. Um período assimilado em nossa cultura como sendo, de modo geral, um tempo de descobertas e transformações.

Já considerando a adolescência um dado da vida, a cultura, de tempos em tempos, modifica os modos de representá-la, de compreendê-la, de lidar com ela, acrescenta-lhe novos significantes. Um exemplo disto é dado por Dolto (1988). Ela observa que antes de 1939, tomando como marco histórico o início da Segunda Guerra Mundial, a adolescência era descrita de forma romanceada pela literatura como uma crise subjetiva, mas a partir de 1950, na França ao menos, ela passou a ser encarada como um estado, sendo de certa forma institucionalizada como uma experiência filosófica, uma mudança obrigatória da consciência. Dolto (1988) afirma que desse modo a adolescência passou a ser vista e experimentada como "um estado necessário da consciência moderna para descobrir o trágico da condição humana" (Dolto, 1988, p. 50).

Assim, Dolto aponta para as influências - por exemplo, do pensamento existencialista - que podem exercer, para cada sujeito, as idéias e os ideais sobre a adolescência já assimilados e transmitidos pela cultura. Inclusive, se considerarmos novamente a análise de Ariès, podemos observar com que destino ideal, ou idealizado, a adolescência começou a ser marcada na cultura - o de renovar a ordem anterior, segundo os ideais sociais burgueses. Renovar a ordem anterior é um projeto que pode ser perfeitamente reconhecível até hoje nas reivindicações mais comuns dos adolescentes. Mas que esta renovação seja necessariamente na direção dos ideais sociais tradicionais, isso já não cabe muito bem em suas reivindicações. Ao contrário, a adolescência pode ser um momento onde se experimenta antagonismo,

desidentificação, "rebeldia". No entanto, deve-se considerar - e este ponto é quase unânime entre os estudiosos da adolescência, com variações na ênfase que cada um dá a ele em seus estudos - que a ordem social, por mais restrita que seja, como por exemplo a família, fornece o ideário a ser cumprido ou antagonizado, ou ainda, no melhor dos casos, aquele com o qual o sujeito deverá negociar. Fornecendo o ideário, a ordem social também constitui e promove uma demarcação simbólica do lugar que um sujeito, no nosso caso o adolescente, poderia ter na sociedade. Considerando o fato de que ele tem de se confrontar com os novos valores e ideais que a cultura coloca, temos que cada sujeito adolescente, neste momento, é convocado, senão a corresponder, a responder a eles, num trabalho de reinscrição simbólica, de retomada de seu lugar perante a sociedade. Para os psicanalistas que estudam a adolescência, o problema da influência da cultura nos sujeitos adolescentes é considerado, de modo geral, através da questão da identificação e dos ideais, conforme veremos mais adiante.

No capítulo anterior, apresentamos alguns fragmentos da clínica psicanalítica que, a nosso ver, evidenciavam as questões que os adolescentes se vêem chamados a responder, e que acarretariam um trabalho de mudança subjetiva. Nosso interesse aqui é o de refletir sobre o que a psicanálise diz sobre este processo de mudança, partindo da idéia, consensual dentro da psicanálise, de uma modificação subjetiva a ser efetuada. Assim, neste capítulo, vamos tentar circunscrever de que modificação se trata, de acordo com cada um dos autores que escolhemos tomar aqui.

A bibliografia psicanalítica sobre a adolescência é vasta. Nosso critério, após haver percorrido tal bibliografia, foi o de recortar desses estu-

dos o que se considera que a adolescência traz de novo para um sujeito - o novo da novidade, e o 'de novo' da repetição que, assim, passa a exigir novas formas de lidar com o 'antigo'.

2.1 - "As transformações da puberdade"⁸

2.1.1 - O texto freudiano

Na obra freudiana, o que se encontra sobre o que hoje poderíamos situar como adolescência começou a ser sistematizado em 1905, com "Os três ensaios sobre a teoria sexual", principalmente no segundo e terceiro ensaios ("A sexualidade infantil" e "As transformações da puberdade", respectivamente), e, posteriormente, no desdobramento das temáticas do Édipo e da castração.

Em seu estudo, Freud (1905) evidencia realizações psíquicas que marcam uma diferença - veremos o quão radical - na posição subjetiva a partir da puberdade, em relação à posição infantil. Assim, ele nos obriga a observar que o sujeito não poderá continuar aplicando aos novos problemas da vida a solução que dava à época do complexo de Édipo, senão ao preço de uma neurose. Desse modo, está nos indicando que a solução edípica torna-se obsoleta a partir de determinado ponto no qual se exige a construção

⁸ Este é o título do terceiro dos três ensaios de Freud (1905). Em alemão o título é: *Die Umgestaltungen der Pubertät*. *Umgestaltungen* quer dizer transformação, mas também reorganização. Basicamente ele usa, ao longo do texto, o termo *Pubertät*. Algumas vezes, porém, já que seu interesse não é o de descrever as transformações corporais dessa época, Freud usa palavras como *Heranwachsende*, que quer dizer o crescido, o que cresceu, ou palavras que poderiam ser traduzidas como "jovem", "juventude", vocábulos mais próximos da época de Freud.

Diante desse uso recorrente do termo 'puberdade' em Freud, seria interessante fazer agora uma distinção, mesmo que um pouco restrita, entre puberdade e adolescência no seguinte sentido: a *puberdade* se referiria ao real das transformações do corpo, e a *adolescência* poderia ser vista como as consequências no psiquismo dessas transformações.

de outro tipo de solução. Logo, temos então marcos diferenciais no tempo da vida de um sujeito.

No terceiro ensaio, Freud (1905) chama a atenção para transformações fundamentais que ocorrem no sujeito a partir da puberdade. Já na primeira frase, ele afirma que existirão mudanças na vida sexual que a conduzirão a uma nova configuração, diversa da vida sexual infantil, uma "conformação normal definitiva", que ele define como a coincidência das duas correntes, a terna e a sensual, dirigidas a um objeto e à meta sexual (p. 189).

A teorização freudiana gira em torno de um novo encontro com o sexual e suas consequências, postulando uma diferença entre o modo de exercício da moção pulsional sexual na infância e aquele inaugurado pela puberdade. Este novo encontro exige um remanejamento do modo de satisfação pulsional da infância, uma vez que, por força da interdição edípica - condição de entrada na latência, a qual talvez pudesse ser pensada como sendo o momento de conclusão da infância -, tal satisfação deve passar a realizar-se fora do âmbito dos laços familiares.

A meta sexual infantil, segundo Freud (1905), consiste em produzir a satisfação mediante a estimulação da zona erógena que, de um modo ou de outro, se escolheu. Busca-se substituir a sensação de estímulo projetada sobre a zona erógena, pelo estímulo externo que a cancela ao provocar a sensação de satisfação. A pulsão sexual infantil atua partindo de pulsões e zonas erógenas singulares que, independentemente umas das outras, buscam um certo prazer em qualidade de única meta sexual: o auto-erótico.

O "advento da puberdade" (p. 189) coloca o objetivo novo de buscar o objeto sexual. A diferença que Freud estabelece aqui, e que situa como algo novo, é entre a obtenção de um prazer localizado (zonas erógenas), auto-erótico, e a busca de um prazer sexual vindo através do laço com o objeto. Nas palavras de Freud, a pulsão sexual "torna-se, por assim dizer, altruísta" (p. 189), ou seja, ao invés de objetivar somente a satisfação auto-erótica, ela passa a visar a satisfação com um parceiro, exigindo portanto um outro tipo de laço com o objeto⁹. Agora, a partir da puberdade, para alcançar a nova meta sexual, as pulsões parciais devem cooperar, e as zonas erógenas devem subordinar-se ao primado do falo (p. 189).

No entanto, em 1923, Freud modifica a idéia de que a unificação das pulsões parciais e sua subordinação ao primado do falo só se daria a partir da puberdade, afirmando que a sexualidade infantil já se aproxima da organização sexual definitiva por sua eleição de objeto e pelo desenvolvimento da fase fálica. Ele diz:

"Posteriormente (1923) modifiquei esta exposição intercalando depois das duas organizações pré-genitais no desenvolvimento da criança uma terceira fase; esta merece já o nome de fase genital, mostra um objeto sexual e certo grau de convergência das aspirações sexuais sobre este objeto, mas se diferencia num ponto essencial da organização definitiva da maturidade genésica. Com efeito, não se conhece mais que uma classe de genitais, os masculinos. Por isso o chamei de estágio de organização fálico" (Freud, 1905 [1924], p. 181. Grifo nosso)¹⁰.

9 Dizemos que é um *outro* tipo de laço com o objeto porque a satisfação auto-erótica, ao contrário da compreensão mais corrente, não implica a ausência do objeto. "O que ela indica é que a pulsão sexual se separa das funções não-sexuais (da alimentação, por exemplo) sobre as quais ela se apoiava e que lhe indicavam seu objetivo e seu objeto" (Barros, 1991, p. 13). O auto-erotismo tem ligação com o objeto na medida em que, em primeira instância, é sempre o objeto, o outro - "a mão da mãe" - que erotiza, libidiniza, o corpo do sujeito, ou partes dele.

Freud situa também, neste artigo (1905), o problema da qualidade do prazer que aparece com a puberdade. Faz uma diferença entre o que ele chamou de "prazer prévio" - prazer provocado pela excitação de zonas erógenas - e o "prazer final" - o produzido pelo esvaziamento das substâncias sexuais, prazer de satisfação da atividade sexual (p.192).

"O prazer prévio é o mesmo que já podia oferecer, ainda que em escala reduzida, a pulsão sexual infantil; e o prazer final é novo, e portanto provavelmente dependente de condições que só se instalam com a puberdade. A fórmula para a nova função das zonas erógenas seria: são empregadas para possibilitar, por meio do prazer prévio, que elas ganham como na vida infantil, a produção do prazer de satisfação maior" (1905, p.192. Grifo nosso).¹¹

Freud (1905) nota que do mecanismo do prazer prévio deriva um perigo para o logro da meta sexual normal, que acontece quando, em qualquer ponto dos processos sexuais preparatórios, o prazer prévio demonstra ser demasiado grande. Falta então a força pulsional para que o processo siga adiante, todo o caminho se abrevia, e a ação preparatória substitui a meta sexual normal. Este prejuízo tem por condição que a zona erógena respectiva, ou a pulsão parcial correspondente, "tenha contribuído para o

10 "Con posterioridad (1923) he modificado esta exposición intercalando, tras las dos organizaciones pregenitales en el desarrollo del niño, una tercera fase; esta merece ya el nombre de fase genital, muestra un objeto sexual y cierto grado de convergencia de las aspiraciones sexuales sobre este objeto, pero se diferencia en un punto esencial de organización definitiva de la madurez genésica. En efecto, no conoce más que una clase de genitales, los masculinos. Por eso la he llamado el estadio de organización fálico." Esta é parte de uma nota de rodapé ao terceiro ensaio, fruto das revisões que fez por ocasião das reedições de sua obra.

11 "El placer previo es, entonces, lo mismo que ya podía ofrecer, aunque en escala reducida, la pulsión sexual infantil; el prazer final es nuevo, y por tanto probablemente depende de condiciones que sólo se instalan con la puberdade. La fórmula para la nueva función de las zonas erógenas sería: Son empleadas para posibilitar, por medio del prazer previo que ellas ganan como en la vida infantil, la producción del placer de satisfacción mayor."

ganho de prazer em medida inabitual na vida infantil" (p.193). E se, todavia, se somam fatores que coadjuvam à fixação, facilmente se engendra uma compulsão refratária a que este determinado prazer prévio se integre numa nova trama na vida posterior (p.193). Na infância, as zonas genitais se comportam já de maneira similar à época da maturidade: passam a ser a sede de sensações de excitação e alterações preparatórias quando se sente alguma espécie de prazer pela satisfação de outras zonas erógenas. Não obstante, este efeito segue carecendo de finalidade, pois, no entender de Freud (p. 193), em nada contribui ao prosseguimento do processo de descarga sexual, uma vez que a criança não teria acesso ao modo próprio de descarga desta tensão. Por isso, diz Freud (p. 193), na infância se engendra, junto ao prazer de satisfação, certo montante de tensão sexual, se bem que menos constante e não tão vasto.

Na puberdade, seguimos com Freud (1905), ele afirma que há o re-despertar das moções pulsionais sexuais (genitais), e, com a regularidade de uma lei, a moção pulsional das crianças em direção aos pais é reeditada em suas fantasias (1905, p. 207). Após a latência, portanto, postula Freud, o impulso sexual torna a buscar satisfazer-se seguindo a rota original, isto é, reinvestindo os primeiros objetos de amor. Porém, devemos lembrar que nesta reedição, como numa edição revisada de um livro, a interdição edípica (condição de entrada na latência) foi acrescentada ao caminho 'original'. Isto conduz a pensar que no re-despertar das pulsões o sujeito, ao investir os novos objetos de amor, terá de lidar com esse 'acréscimo', ou seja a interdição.

Ao mesmo tempo que Freud considera ser invariável que a partir da puberdade haja o reinvestimento, na fantasia, dos primeiros objetos de amor, ele diz qual deve ser o destino desse reinvestimento. Aí encontramos o que nos parece ser a indicação do que Freud considera como um trabalho subjetivo específico desse tempo a partir da puberdade. Cito Freud:

"Contemporâneo a desconsideração e desprezo destas fantasias claramente incestuosas [que retornam nessa nova onda de moções pulsionais edípicas], consuma-se um dos resultados psíquicos mais importantes, mas também mais dolorosos, do período da puberdade: o desligamento da autoridade dos pais" (Freud, 1905, p.207. Grifo nosso).¹²

Vemos aqui que Freud considera a existência de mais de uma realização psíquica referida ao período da puberdade: o desligamento da autoridade dos pais, e a desconsideração e o desprezo das fantasias incestuosas.

A partir da puberdade, portanto, as questões que perturbavam o sujeito até a latência, e o destino dado a elas, retornam e são colocadas em xeque. A genitalidade vem perturbar o que foi conseguido de "paz" na latência. Cottet (1988) recoloca a questão do retorno das moções pulsionais na puberdade de modo bastante interessante. A reativação - poderíamos dizer recatexização, ou reinvestimento libidinal - das fantasias edípicas é efeito do retorno da pulsão genital, já experimentada na infância, e o sujeito só pode lidar com ela retomando os antigos recursos, as antigas fantasias,

12 "Contemporâneo al doblegamiento y la desestimación de estas fantasias claramente incestuosas, se consuma uno de los logros psíquicos más importantes, pero también más dolorosos, del período de la pubertad: el desasimiento respecto de la autoridad de los progenitores(...)". Em alemão, *Überwindung* e *Verwerfung* das fantasias incestuosas, e *Ablösung* da autoridade dos pais (p. 128/ 129 da edição alemã). *Überwindung*: é 'dominação', mas é curioso notar que *Über* é 'por cima', 'ultrapassar', 'passar sobre', e *windung*: volta, torcer. Portanto, é 'dominar', as fantasias incestuosas, quase no sentido de 'dar a volta por cima', por assim dizer. *Verwerfung*: 'rejeição', 'repúdio', e 'condenação' (sentido religioso), e 'indeferimento' (na jurisprudência). *Ablösung*: desligamento, descolamento, substituir, render guarda.

tendo a chance de verificar se é possível lidar com esse retorno com os antigos recursos. Para Cottet, a sexualidade pré-genital, apoiada nas fantasias,

" (...) será o arsenal no qual vem se alimentar a fantasia adolescente para o ajustamento da relação sexual, que só pode ser tentado ao preço da reativação dos antigos protótipos" (Cottet, 1988, p. 102).

No entanto, conforme já marcamos, esta reativação, remontando às fantasias edípicas, concomitantemente faz reviver sua interdição: não gozar sexualmente do objeto de amor. Daí talvez Freud ter de postular que o sujeito deve realizar, nesta época, o trabalho psíquico que consiste em desconsiderar e desprezar estas fantasias incestuosas, e não, por exemplo, recalculá-las novamente.

Em 1905, Freud considera que o complexo de Édipo é recalçado ou sublimado, dando início à latência (cf. p.179/ 182). Mais tarde, no entanto, ele vai supor que deve ocorrer com o Édipo algo mais do que um recalçamento, já que ele, através da clínica, verificara que o destino da sexualidade após a infância, e sua eventual patologia, dependia da solução dada ao complexo de Édipo. No mesmo parágrafo de onde ressaltamos a citação acima, Freud faz o seguinte acréscimo, em 1920, numa nota de rodapé:

" (...) a todo ser humano que nasce se coloca a tarefa de dominar o complexo de Édipo; aquele que não pode resolvê-la, cai na neurose" (1905 [1920], p.206. Grifo nosso).¹³

13 "A todo ser humano que nace se le plantea la tarea de dominar el complejo de Edipo; el que no puede resolverla, cae en la neurosis."

Em 1924, em seu artigo "A Dissolução do Complexo de Édipo"¹⁴, Freud retoma o que ele passou a supor que deveria acontecer com o complexo de Édipo.

"Mas o processo descrito é mais do que um recalçamento; equivale, quando se consuma idealmente, a uma destruição e cancelamento do complexo (...) Se o ego não conseguiu muito mais do que um recalçamento do complexo, este permanecerá inconsciente no id e manifestará mais tarde seu efeito patogênico" (Freud, 1924, p. 185. Grifo nosso)¹⁵.

Ele ainda observa que "as análises parecem demonstrar" (Freud, 1924, p.217) que o complexo de Édipo tenderia a encaminhar-se para a destruição por ter um caráter intrínseco de insucesso, isto é, levado à destruição "pelos efeitos de sua impossibilidade interna" (p. 217), pelo próprio fato dele ser "uma experiência de desapontamentos penosos" (p.217), onde "inevitáveis experiências aflitivas [referentes à castração] agem em oposição ao conteúdo do complexo" (p. 222). Mesmo não havendo nenhum acidente

14 Uma observação se faz necessária. A tradução para o português do termo *Untergang* ("Der Untergang des Ödipuskomplexes", "A Dissolução do Complexo de Édipo", em português) foi 'dissolução'. Ao que nos parece, esta tradução pode deixar margem a pensar numa exclusão, numa (dis)solução do Édipo que não deixa marcas no psiquismo, enquanto sabemos - pelo desenvolvimento que Freud posteriormente dá a questão, como veremos - que não é exatamente assim. *Untergang* traz a idéia de declínio, de ocaso, de estar sob. Na tradução espanhola da obra de Freud lê-se "sepultamento" do complexo de Édipo. Esta observação parece importante para tentarmos entender o que Freud queria dizer com algo que é 'mais do que um recalçamento' deste complexo, mas que ainda assim deixa marcas - pois sabemos que ele derivou do Édipo conceitos como Ideal do Ego e Superego -, por exemplo, quando afirma que o superego é herdeiro do complexo de Édipo. Logo, ao falar de algo 'mais do que um recalçamento', Freud parece estar se referindo a um trabalho que faz com que as marcas, os traços que o Édipo deixa não sejam assimiláveis aos de seu recalçamento. Vamos então continuar usando a tradução para o português, 'dissolução', ressaltando que deve se tratar de uma dissolução que deixa traços, o que pode parecer antagônico. Esclareceremos esta questão no Capítulo III.

15 "Pero el proceso descrito es más que una represión; equivale, cuando se consuma idealmente, a una destrucción y cancelación del complejo. (...) Si el yo no ha logrado efectivamente mucho más que una represión del complejo, este subsistirá inconsciente en el ello y más tarde exteriorizará su efecto patógeno."

ou acontecimento especial, a "ausência de satisfação esperada deve levar o pequeno amante a voltar as costas ao seu anseio sem esperanças" (p.222).

Esta é uma afirmação que percorre toda a obra freudiana - a de que haverá sempre um resto de insatisfação inerente às relações entre a criança e seus primeiros objetos de amor. Mais que isso, essa falta da satisfação total esperada - uma vez que se espera que a satisfação sempre seja toda, total - Freud sempre remete ao que se refere ao sexual. Desde sua carta 46 à Fliess, Freud (1896) afirma que algo do sexual é incapaz de ser traduzido pelo psiquismo (p.312). Algo sobra como excedente, resto de insatisfação, ficando como raiz do mal-estar do homem na cultura, do antagonismo irremediável entre as exigências pulsionais e as restrições da civilização, mesmo apesar das possibilidades que a civilização oferece para dar conta desse mal-estar (Freud, 1929).

Entretanto, ele observa que os "efeitos de impossibilidade interna" do Édipo não bastam para sua dissolução. Freud então, ainda no artigo de 1924, afirma a tese de que é a ameaça de castração que induziria ao desaparecimento desse complexo, e não somente os efeitos de sua impossibilidade interna. Isso implica em precisar apontar, o que ele faz logo a seguir no artigo, a necessidade de "uma especulação teórica a mais uma vez que tal tese não nos livra do problema" (p. 222), o de saber o que seria suficiente para destruir o complexo de Édipo. Por outro lado, ele afirma, sim, que a ameaça de castração exige um final para o Édipo, que pode ser seu recalamento ou sublimação, mas é justo este tipo de solução do Édipo que poderia acarretar efeitos patogênicos.

Freud não diz claramente no texto de 1924, de que ordem seria esta especulação teórica a mais, mas deixa-nos com a questão: o quê então impede a dissolução do complexo, ou o quê levaria a manutenção do recalamento promovendo efeitos patológicos? Vamos nos adiantar, supondo que o impedimento à dissolução se dá pela insistência do sujeito em manter como possível no futuro a satisfação total. Já que a interdição edípica pode servir ao sujeito para encobrir o impossível dessa satisfação - na medida em que serve para que o sujeito acredite que o pai é o responsável pela ausência da satisfação esperada -, ele assim pode acreditar que uma vez desimpedido existiria a possibilidade da satisfação esperada desde a infância, projetando para o futuro a esperança dessa satisfação.

Até aqui pudemos ver algumas "novidades" com as quais o sujeito terá de lidar a partir da puberdade, segundo Freud, ou, segundo estamos supondo, as "novidades" que poderiam caracterizar, para a psicanálise, a chamada adolescência.

Na reedição das moções pulsionais sexuais, o sujeito terá de lidar com a questão do que fazer com a interdição edípica - que marcou a entrada na latência. Foi o que Freud chamou, a nosso ver, como tarefa do sujeito de dominar e rejeitar as fantasias incestuosas. Ou seja, trata-se do destino que o sujeito dará à interdição edípica a fim de poder lidar com os novos objetos de amor sem que estes também caiam sob interdição, submetendo o sujeito a se defrontar novamente com a ameaça de castração. Deparando-se novamente com a questão da castração, o sujeito se veria convocado a ter o trabalho de deduzir que interdição e castração não são a mesma coisa. Poderíamos dizer que a castração seria então consentir na seguinte 'equação':

é possível satisfazer-se, se ele puder aceitar que tal satisfação é estruturalmente parcial, não toda. Se ele puder aceitar que a satisfação esperada não é possível não porque estaria interdita pelo pai, mas porque a satisfação total - incestuosa -, não é possível, para nenhum sujeito. Isto implicaria retirar da castração o caráter de ameaça, e, de fato, submeter-se a ela simbolicamente.

O novo encontro com o sexual impõe uma nova meta: buscar o objeto sexual, o que se opõe à satisfação auto-erótica da infância. Isso não quer dizer, como também vimos Freud afirmar, que na infância o sujeito não tenha escolhido e afirmado sua escolha de objeto. Isso podemos ver figurado nas brincadeiras, às vezes levadas bastante à sério pelas crianças, de quem é o(a) namorado(a) de quem. Mas a partir da puberdade vemos o sujeito empenhado em tentar agenciar, afirmar essa busca e essa escolha levando-a às últimas consequências. Esse novo encontro sexual não só leva à busca do objeto, mas à experiência com um outro tipo de prazer ao qual o sujeito até então não tinha tido acesso: o gozo sexual genital com o parceiro. Isto implica em experimentar tanto o seu gozo sexual no corpo do outro, bem como o gozo sexual do parceiro em seu próprio corpo. Implica também em ter enfrentado de outro modo a problemática da diferença entre os sexos, uma vez que a constatação do impossível da satisfação sexual esperada como total, a constatação do desencontro que seria próprio, estrutural do sexual na vida humana, que até então poderia ser encoberta e projetada para o futuro, novamente se revela.

É interessante o que podemos ler em Lacan (1961) :

"Qual é a dimensão nova introduzida pela entrada no drama fálico? O que ele não tem, aquilo que não está a sua disposição

naquele ponto de nascimento e de revelação do desejo genital, nada mais é que seu ato. Ele não tem mais nada a não ser uma promissória para o futuro. Ele institui o ato no campo do projeto" (p. 218).

É esse futuro que vemos atualizar-se a partir da puberdade. Podendo realizar seu ato, qualquer que seja ele - isto é, podendo efetivar o que teria antes ficado somente no campo fantasmático - o sujeito terá de enfrentar seus efeitos.

A outra realização psíquica do período a partir da puberdade, segundo Freud, é o desligamento da autoridade dos pais. Podemos entender isso como a troca dos ideais parentais pela adesão à ideais fora da família, perspectiva bastante enfatizada por alguns autores, conforme veremos a seguir. Não obstante, também podemos entender esse desligamento como o resultado de uma modificação a se realizar na posição do sujeito diante das prerrogativas, dos poderes que atribuía aos pais e ao que ele pode ver de seus limites. A partir de um determinado momento, o sujeito se confrontará com o fato de que o pai não é a lei, não faz a lei, mas é submetido a ela como todos, deparando-se assim com o fracasso de atribuir a ele a interdição que este deveria sustentar, segundo o mito edípico. Sendo assim, o que antes lhe aparecia imaginariamente como interditado porque o pai proibia, ou como ele não tendo algo porque o pai o privava, agora depende dele mesmo poder verificar se o que ele quer fazer é mesmo impossível ou não. Ou seja, o sujeito se vê tendo que responder, ele mesmo, pelo que faz, ou quer fazer, e tendo que arcar com as consequências. A perda, correlativa a essa mudança de posição subjetiva, diz respeito ao que o sujeito não pode mais esperar que os pais, que o Outro enfim, faça por ele. A perda incide em sua

insistência em demandar que alguém deva responder por ele, fazer por ele ou obter para ele os meios para conseguir o que quer.

2.1.2 - A psicanálise argentina

No trabalho de psicanalistas argentinos, principalmente os do grupo de Aberastury (1970), também podemos notar que o estudo da adolescência é feito sob a ótica das mudanças. Seus trabalhos enfatizam que a mudança que ocorre na adolescência é convocada a se realizar a partir de perdas que o sujeito sofre:

“As mudanças psicológicas que se produzem neste período, e que são a correlação de mudanças corporais, levam a uma nova relação com os pais e com o mundo. Isto só é possível quando se elabora, lenta e dolorosamente, o luto pelo corpo de criança, pela identidade infantil e pela relação com os pais da infância” (pág. 13. Grifo nosso).

Estes autores consideram que as “modificações corporais incontroláveis” e “os imperativos do mundo externo” (p.13) exigem do adolescente novas pautas de convivência e, assim, a perda sua identidade infantil, o que implicará na construção de uma nova identidade.

As modificações no corpo, e as exigências externas são vividas, no começo, como uma invasão. Como defesa, o adolescente, ainda que anseie alcançar outro status, retém muitas de suas conquistas infantis - que compunham sua identidade infantil -, e refugia-se em seu mundo interno. Ligando-se novamente ao arsenal identificatório de seu passado, tenta assim enfren-

tar o futuro.

É interessante notar que os autores consideram que o recurso ao "mundo interno", como defesa, não atrapalha necessariamente o sujeito na construção dessa "nova identidade". Ao contrário, reconectando-se à conquistas infantis, ou à respostas infantis bem sucedidas em responder às exigências externas, o sujeito pode operacionalizar, equacionar, reposicionar-se diante dessas novas exigências: "as modificações corporais incontrolláveis e os imperativos do mundo externo" (p. 13). O ponto onde colocam a possibilidade de dificuldades é no processo de luto por estas perdas que o adolescente é obrigado a fazer, do qual pode recuar e tornar-se uma "negação maníaca" (p. 64). De qualquer modo, vê-se que os autores partem do princípio de que há perdas que não devem ser negadas, mas de fato acolhidas como perdas, a fim de poderem sofrer o trabalho de luto com todas as suas consequências.

O adolescente também deve fazer um luto pela perda de seu corpo de criança. Essa perda, segundo os autores, é dupla:

"(...) a de seu corpo de criança, quando os caracteres sexuais secundários colocam-no ante a evidência de seu novo status, e o aparecimento da menstruação na moça e do sêmen no rapaz, que lhe impõem o testemunho da definição sexual e do papel que terão de assumir, não só na união com o parceiro, mas também na procriação (...) [o que exige a elaboração] do desaparecimento da fantasia do outro sexo em si mesmo" (p. 64).

A modificação que se efetua na relação com os pais é situada pelos autores também como um outro luto. O adolescente "têm de deixar de ser através dos pais para chegar a ser ele mesmo" (p. 66). Em seus estudos

notam que há momentos em que o adolescente sente a ameaça iminente de perder a dependência infantil para com os pais, da qual ainda pode necessitar. Entretanto, também observam que não só o adolescente, mas também os pais padecem neste processo, e quando estes não compreendem as grandes flutuações polares entre dependência e independência, entre refúgio na fantasia e em conquistas infantis e a ânsia de crescimento e conquistas adultas, dificulta-se o trabalho de luto, durante o qual são necessários permanentes ensaios e provas de perda e recuperação. Para tanto, observam, os adolescentes utilizam algumas técnicas defensivas, como a desvalorização dos objetos para iludir os sentimentos de dor e perda, ou ainda a busca de figuras substitutas dos pais através das quais vão elaborando a retirada do investimento libidinal, e desse modo, podem mudar a relação com eles, "adquirindo esta relação as características das relações de objeto adultas" (p. 71).

Um aspecto que também é levantado, e que lhes parece importante, é a característica que a comunicação verbal adquire na adolescência.

"(...) ela adquire o significado singular de um preparativo para a ação (...) não ser entendido em suas comunicações verbais implica em não ser estimado na sua capacidade de ação. Isto explicaria a susceptibilidade que caracteriza o adolescente quando não é escutado. O fracasso nessa comunicação pode conduzi-lo à ação" (p. 70).

A "ação" a que se referem os autores concerne ao *acting out*, conforme se pode depreender do exemplo dado de um jovem que, tendo perdido a esperança de ser compreendido pelos pais, começou a escrever um diário ao mesmo tempo que começou a realizar pequenos furtos, que ele

descrevia nesse mesmo diário, deixando-o de um modo que seus pais pudessem encontrá-lo. Deixando o diário à vista dos pais, o jovem restabeleceu a conexão perdida com eles, podendo veicular indiretamente sua demanda por atenção.

Outro ponto interessante levantado em seus estudos, e bastante reconhecível fenomenologicamente, é a tentativa do adolescente de negar a responsabilidade por seus atos, simplesmente negando sua participação ou atribuindo a responsabilidade a um outro. Isso os autores interpretam, de modo geral, como a tentativa de negação da realidade de seu desenvolvimento, das mudanças que não podem controlar, negação, em última instância, das perdas em jogo.

2.1.3 - A psicanálise francesa

Em 1988 Dolto escreveu seu último livro, dedicado ao estudo da adolescência. Diz não haver idade precisa que "date" esse período, "porque cada um a vive segundo sua precocidade relativa, ou ao contrário, segundo seus adiamentos, de acordo com seu ritmo particular" (p. 13). Ela descreve, então, o processo da adolescência com uma expressão bastante própria, mas cuja noção a aproxima do ponto de vista de Aberastury, Knobel e seus colegas: uma "morte para a infância" (p. 14). Também a considera como uma "passagem determinante que leva à conquista da autonomia" (p. 13), e acrescenta que as crianças que:

" (...) não consumarem a ruptura que é a tomada de autonomia (...) serão menos favorecidas que as outras, mas todas precisarão de toda sua vontade de viver, de toda força de seu desejo

de se realizar para enfrentar essa morte para a infância" (p. 14. Grifo nosso).

O tempo difícil, segundo Dolto, é o momento de preparação da primeira experiência amorosa. O jovem sente que há um risco, e ao mesmo tempo que deseja esta experiência, ele a teme. O risco do primeiro amor é sentido como a morte da infância, morte de uma época. Até então, este jovem era uma criança na latência que, sabendo-se apenas uma criança, resignara-se a aguardar o futuro. Acrescenta que a latência não impede que a criança tenha a noção clara de uma sexualidade latente, mas compreende que não encontrará o objeto de seu amor na família. Notamos aqui a compreensão da latência como podendo servir de adiamento do encontro amoroso com o objeto.

Ao tentar distinguir "a transformação mais importante que faz de uma criança um adolescente em formação", Dolto (1988) vai considerar que o fato capital que assinala a ruptura com o estado da infância é a possibilidade de dissociar a vida imaginária da realidade, o sonho das relações reais. Na infância, ela prossegue, as relações da criança com o mundo exterior se dão através do que os pais dizem, e seu interesse quanto ao exterior é totalmente suplantado pelo interesse pela família. No momento em os pais divergem, a criança mostra dificuldade em pensar por si mesma. Dolto coloca na idade de onze anos uma importância fundamental, como uma idade de virada para o mundo exterior, mas, ao mesmo tempo, considera que os objetos de interesse que a criança encontra fora do círculo familiar, e que deveriam prepará-la para a vida real, continuam entretanto a ter os pais como referência maior. Exemplifica este ponto com situações onde ocorrem atri-

tos no interior da família, pais divorciados por exemplo, diante das quais a criança ainda se apoia nos comentários familiares para emitir suas opiniões às pessoas de fora do círculo familiar. Ela prossegue:

“Mas se tudo correu bem, se não houve rompimento familiar, a criança está livre, em seu segundo imaginário [a vida fora da família], para não tomar seus modelos na família. Ela conta com a família como valor-refúgio (...) e dirige sua energia para fora dela (...) entrará na adolescência saindo da família e misturando-se a grupos constituídos que terão um papel de apoio extra-familiar (...) Estes [outros modelos diferentes dos da família] não são substitutos, mas são reservas para sua tomada de autonomia como adolescente confirmado” (p. 25/ 26).

Dolto enfatiza bastante a responsabilidade da sociedade com os adolescentes, principalmente dos educadores e do governo. Vê na adolescência um ponto de passagem que inaugura “nossa dimensão de cidadão responsável” (p. 22). Argumenta que nas sociedades antigas esse ponto de passagem era nitidamente demarcado através dos rituais de iniciação. Com estes rituais assinalava-se esse tempo de ruptura com a infância, dando direito aos jovens de ocupar um outro lugar em sua sociedade. Já na nossa sociedade, ela contrapõe, os jovens de hoje estariam reduzidos à si mesmos,

“(...) e não são mais levados juntos e solidariamente de uma margem à outra; é preciso que eles mesmos se concedam esse direito de passagem. Isso exige deles uma conduta de risco” (p. 23).

Falando das “crises” de agressão pelas quais alguns jovens podem passar, ela diz:

" (...) o jovem fica contra todas as leis porque chega à conclusão de que, seja quem for que represente a lei, não lhe permitirá realizar-se e viver" (p. 20).

Muitas vezes, ao longo de seu estudo (1988), mas não somente aí, Dolto parece compartilhar dessa conclusão que ela atribui aos jovens. Portanto, faz-se necessário dizer que se o jovem acredita que "quem quer que represente a lei não o permitirá realizar-se", por outro lado, nós analistas não podemos compartilhar deste mesmo ponto de vista. Isto porque esta compreensão da autoridade e da lei pode favorecer o engodo de se acreditar que toda a responsabilidade de sua 'realização' e de sua vida está nas mãos de outros, compreensão que deriva sempre numa espécie de vitimização do sujeito. Esta posição vitimada permite que o sujeito recue diante da parcela de responsabilidade que lhe cabe. Ou seja, essa vitimização do sujeito, leva sempre à impotência, retirando-lhe a chance de poder encontrar, ou produzir os próprios meios para responder às situações que a vida coloca. Pode-se, portanto, imaginar os efeitos catastróficos para um sujeito em análise, se o analista compartilha daquele ponto de vista: obstaculiza o trabalho do sujeito, mantendo-o numa posição de impotência quanto a seu desejo, por exemplo.

Dolto (1988) considera que um jovem sai da adolescência quando "a ansiedade dos pais não produz mais sobre ele nenhum efeito inibidor" (p. 27), numa libertação da influência paterna. Ela também afirma que a sociedade não permite que os jovens saiam da adolescência quando lhes veda o acesso ao trabalho, aos meios de se sustentar:

"No ocidente, o jovem não encontra soluções lícitas para afastar-se dos pais e assumir-se sem ser marginal, delinquente ou ficar a cargo de alguém que possa pervertê-lo" (p. 27).

Dolto observa aqui a influência que o lugar que a sociedade pode dar ao chamado adolescente tem para ele nessa época. A autora considera que é melhor, mais estruturante, que o adolescente se livre da dependência familiar tão logo quanto possa, e dá sugestões práticas de modificações a serem efetuadas pelo Estado, a fim de lhes oferecer condições para que a independência dos pais se dê de maneira lícita. No entanto, isso nos leva a ter de considerar que se a questão principal a ser solucionada, quanto à libertação da "influência paterna", é aquela que convoca o sujeito a ter que ele mesmo prover seus meios de vida, sem *encostar-se* na expectativa de que isto tenha de vir de fora, do outro - seja da família ou do Estado -, esta libertação pode não se resolver inteiramente só através da independência econômica. Nesta questão está envolvido o confronto com a responsabilidade do sujeito quanto a seu desejo, quanto a seu ato, e as consequências destes.

As conclusões da autora sobre a responsabilidade da sociedade com os adolescentes talvez sejam determinadas pelo tipo de entendimento que ela tem da função paterna. Por exemplo,

" (...) o menino em final edipiano conserva um carinho idealizado pela mãe, pelo pai também, com um sentimento dividido entre a confiança e o receio de afastar-se da lei que o pai quer que ele cumpra e que não é uma lei feita apenas pelo pai, mas que ele representa, e de cujo cumprimento dá o exemplo. Ele vê no pai ao mesmo tempo o guardião da lei e a testemunha exemplar, senhor de seus impulsos" (p. 23/ 24).

Quando se considera o pai como aquele que é "senhor de seus impulsos" reforça-se a idéia de um pai idealizado, no qual a criança já se espelha, portanto, uma idéia que não precisa de reforço, muito pelo contrário. A clínica nos mostra toda a dificuldade que se interpõe no caminho do sujeito quando o pai com quem tem de lidar é assim idealizado. Dominar com mestria seus impulsos pode levar a pensar que em algum momento alguém conseguirá dominar o que há de pulsional na vida psíquica. Deve-se marcar a diferença entre um pai que dá o exemplo, pois é mestre de seus impulsos - pai idealizado -, e o pai que está submetido à lei, um pai que aceitou a castração e só assim pode, de algum modo, "dominar seus impulsos" de burlar a lei da castração.

2.1.4 - A psicanálise lacaniana

Apesar de Lacan nunca ter tratado a adolescência como uma categoria à parte, ele não deixou de abordá-la.

Em 1938, ele localiza na puberdade o aparecimento de um ideal viril nos rapazes, e um ideal virginal nas moças. Isto para comentar que com dois ideais assim tão antagônicos, não surpreende que o encontro entre os dois sexos passe tão longe de uma adequação.

Em 1974, no prefácio à edição francesa do libreto da peça de Wedekind, "O Despertar da Primavera" (1891), Lacan voltou ao tema da inadequação sexual entre homens e mulheres, para considerá-lo como o "despertar" que acontece na juventude. Sobre isso Cottet (1989) comenta:

“É ainda a propósito do encontro sexual na adolescência que Lacan descreve a relação sexual como impossível. É quando a doxa consagra paradoxalmente a relação sexual como possível, no momento da maturação, que a relação sexual se revela como impossível” (p. 15).

Freud (1905) havia dito que a eleição de objeto na puberdade tende a se realizar primeiro na esfera da representação, sendo o espaço das fantasias o lugar privilegiado para o jovem experimentar a vida sexual (p. 206). Lacan (1974a) vai dizer um pouco mais. Se é preciso um tempo para sonhar em fazer amor, não é possível fazê-lo efetivamente sem despertar para o que a puberdade traz:

“Deste modo aborda um dramaturgo, em 1891, o assunto que é para os rapazes fazer amor com as moças, marcando que não pensariam nisso sem o despertar de seus sonhos. Notável por ser posto em cena como tal: ou seja para demonstrar-se aí como não sendo satisfatório para todos, até confessar que se isso fracassa, é para cada um. Isto equivale a dizer que é algo de nunca visto [*jamaís vu*]” (p.109)¹⁶

Na puberdade, quando o sujeito tem a disposição maturacional biológica para executar o ato sexual, e chega o momento em que se realizariam as esperanças infantis incestuosas, quais sejam, as de encontrar o parceiro que o completaria, eis aí que, por mais que o ato sexual em si seja satisfatório, o sujeito, Lacan nos chama atenção, encontra novamente a não-complementariedade. É quando se tem a experiência de uma satisfação

16 “De este modo aborda un dramaturgo, en 1891, el asunto de qué es para los muchachos hacer el amor con las muchachas, marcando que no pensarían en ello sin el despertar de sus sueños. Remarcable por ser puesto en escena como tal: o sea para demostrarse ahí como no siendo satisfactorio para todos, hasta confesar que si eso se malogra, es para cada uno. Esto equivale a decir que es de lo nunca visto.”

aquém das expectativas infantis, incestuosas. Para Lacan, poder-se-ia dizer então, o paradigma do impasse da relação sexual é colocado neste momento. Qual seja, o da experiência de que a satisfação não é toda, e isso para cada um, *furando* o modelo infantil (incestuoso) que supõe alguém que viria a ter a satisfação toda. O sujeito encontra-se, nesse momento, não com a proibição da relação sexual, mas com o sexual em seu caráter intrínseco de não fazer relação, encontro com a desproporção em tudo o que diz respeito ao sexual.¹⁷ É bem nisso, então, que Lacan veria a especificidade dessa época, a da chamada adolescência, a de ser um tempo em que o sujeito é obrigado a "despertar" para a inexistência da relação sexual, para o caráter pré-formado de fracasso de tudo o que é sexual (Lacan, 1960-61), despertar, enfim, para o real do sexo. Despertando, o sujeito pode ou não ou tirar as consequências disso. De qualquer modo, ele se verá afetado e levado a ressignificar, *a posteriori*, o primeiro encontro com o sexual, na infância, o da diferença entre os sexos. Cottet (1989), aliás, afirma que a reativação durante a puberdade do período da infância é um caso exemplar do *nachträglich*, do *a posteriori*, pois, na adolescência, quando tudo deveria favorecer o encontro com o sexual, este não é senão que mais traumatizante (p.12).

Lacan (1974b), em "Televisão"¹⁸, notava a intolerância da juventude da época em escolher um objeto que não fosse o semelhante idealizado, conforme Cottet (1989) comenta:

17 "O sentido do sentido é que se vincula com o gozo do varão como interdito. Certamente não para proibir a relação chamada sexual, senão para fixá-la na não-relação que vale no real" ("El sentido del sentido es que se vincula con el goce del varón como interdicto. Ciertamente no para prohibir la relación llamada sexual, sino para fijarla en la no-relación que vale en lo real". Lacan, 1974a, p. 111). Lacan ainda diz a seguir que o mínimo encontro com o real faz objeção a idéia de *tudo*.

“O curioso é que Lacan fazia esta constatação em uma época na qual os direitos ao gozo compunham uma boa parte das reivindicações, como no sexo-esquerdismo. Ele se aproveitava dessa ocasião para fazer girar a roda em outro sentido e designar uma espécie de infelicidade do ser no fato dos jovens se devotarem ao exercício de relações sem repressão. Isso era visto na época como uma posição ao menos conservadora, como se Lacan fizesse a apologia da repressão sexual. Tratava-se, de fato, de deduzir a estrutura desse impasse, estrutura que ele referia à lógica, ao menos à aritmética, isto é, ao gozo do Um, ideal de uma beatitude na qual o parceiro é reduzido ao semelhante. Lacan notava então a intolerância do adolescente (...) em enraizar seu desejo ou sua causa em um objeto que não fosse o semelhante idealizado” (p.19).

A estrutura do impasse, então, é o de esperar um gozo que produza complementariedade, identidade, mas o que se encontra, quando se encontra o real do sexo, é algo que produz resto e divisão.

Silvestre (1982), seguindo Freud e Lacan, vai chamar a atenção para o fato de que, neste momento a partir da puberdade, o segundo encontro com o sexual não deverá evocar a ameaça de castração, como é o caso do primeiro encontro, na infância, quando o sujeito é colocado face à diferença entre os sexos. Dessa segunda vez, esse encontro é revelador de uma união impossível.

“revelador (...) desta exclusão irrevogável, definitiva que marca cada sujeito por relação ao sexo do qual ele não faz parte. Este segundo encontro marca o que se chama a adolescência” (p. 28).¹⁹

18 “Televisão” foi o nome dado à transcrição de uma entrevista dada por Lacan à televisão francesa em 1974.

19 “(...) révélateur de cette union impossible, de cette exclusion irrévocable, définitive qui marque chaque sujet par rapport au sexe auquel il n'appartient pas. Cette seconde rencontre marque ce qu'on appelle l'adolescence (...)”.

Desse modo, Silvestre ressalta que esse segundo encontro, que interrompe a latência, é sim um encontro marcado, garantido, mas com a falta do objeto adequado, complementar. Isso porque o autor afirma que o encontro com o real do sexo só se dá como tal quando o sujeito reencontra o outro sexo não como semelhante, mas como alteridade²⁰, seguindo o que Lacan (1974b) já apontara. Esta precisão ressituada por Silvestre (1982) dá conta de algo que vemos na clínica. Nem todos os encontros sexuais afetam o sujeito de modo a que ele possa ser levado a se confrontar com a ausência da relação sexual. Há várias maneiras de recobrir o traumático deste encontro. Por exemplo, o sujeito pode transformar o resto de insatisfação numa demanda incessante ao parceiro de que este elimine esse resto, de alguma forma. Pode julgar que se há resto é porque ainda não teria encontrado o parceiro certo, ideal. Ou ainda, pode se aferrar a idéia de que encontrou o parceiro ideal (o semelhante idealizado), encobrindo assim o problemático desse novo laço através do sexual. No entanto, a experiência mostra que isso tem consequências, por exemplo o tédio, a inércia, a infelicidade do ser, como Lacan (1974b) notou.²¹

Mais uma precisão introduzida pela psicanálise lacaniana podemos ver no que é trazido por Laurent (1987). Na época da adolescência, haveria a possibilidade de ser notada uma distinção entre a eleição de objeto de de-

20 Alteridade é uma tradução do francês *altérité*. Lacan usa esta palavra, por exemplo, para falar que o sujeito constitui-se não mais frente a um outro sujeito, mas frente a uma alteridade radical. Ela está ligada ao fato de estrutura de que para o humano a linguagem está de um lado e a pulsão do outro. Alteridade, portanto, se refere ao que é não eu, e portanto o eu não reconhece, não assimila a ele. Alteridade não é o *unheimlich*, de Freud, que é algo que o ego percebe como estranho, mas como Freud (1919) mesmo diz, é um estranho familiar ao eu. Alteridade é diferença radical, portanto inassimilável.

21 Em "Televisão" (1974b), Lacan indicava que a relação do jovem com o sexo estava marcada por dois afetos modernos, o tédio e a *morosité* (mau humor, o caráter lúgubre, rabugento).

sejo e a eleição do modo de gozo (p. 101). Laurent comenta que se podemos dizer que há uma eleição de objeto de desejo perfeitamente decidida na infância, como nos mostrou Freud, deve-se aguardar uma verificação do desejo pelo modo como o sujeito lida com a nova dimensão de gozo que irrompe a partir da puberdade, também conforme Freud já havia observado (Freud, 1905, p.192). Nas palavras de Laurent (1987), a partir da puberdade se daria a verificação da eleição do sujeito com relação a seu modo de gozo, ou em suas palavras, sobre o "uso do fantasma".

"A eleição sobre o uso do fantasma se decide no *après-coup* da prova de verificação, que não é simplesmente a puberdade como maturação biológica, senão como porta aberta a uma nova dimensão de gozo" (p.100).

Aliás, no texto freudiano mesmo vemos a discussão acerca de uma disjunção a ser considerada entre o tipo de escolha de objeto e o "caráter sexual mental" de um sujeito (1920, p. 210), no momento a partir da puberdade. Podemos localizar esta discussão, por exemplo, tanto no desenvolvimento que Freud (1918 [1914]) dá ao caso do Homem dos Lobos, quanto, mais explicitamente, no caso da Jovem Homossexual (1920). Apesar desta disjunção aparecer para Freud mais claramente, ou de ser mais claramente demonstrável num caso de homossexualismo, ele diz:

"A literatura do homossexualismo em geral deixa de distinguir claramente entre as questões da escolha do objeto, por um lado, e das características sexuais e da atitude sexual do sujeito, pelo outro, como se a resposta à primeira necessariamente envolvesse as respostas às últimas. A experiência, contudo, demonstra o contrário: um homem com características predominantemente masculinas e também masculino em sua vida erótica

pode ainda ser invertido com respeito a seu objeto, amando apenas homens, em vez de mulheres. Um homem em cujo caráter os atributos obviamente femininos predominam, que possa, na verdade, comportar-se no amor como uma mulher, dele poderia-se esperar, com essa atitude feminina, que escolhesse um homem como objeto amoroso; não obstante, pode ser heterossexual e não mostrar, com respeito a seu objeto, mais inversão do que um homem médio normal. O mesmo procede, quanto às mulheres; também aqui o caráter sexual mental e a escolha de objeto não coincidem necessariamente" (1920, p. 210. Grifo nosso).

Freud ainda comenta (1920, p. 211) que a literatura tendenciosa do homossexualismo obscurece a visão da inter-relação entre os caracteres sexuais físicos, os mentais e o tipo de escolha de objeto, colocando em primeiro plano, por razões práticas, o último aspecto, que é o único que impressiona o leigo e exagera a proximidade da relação do caráter sexual mental com o tipo de objeto escolhido. Além disso, diz Freud, essa atitude bloqueia uma compreensão mais profunda de tudo que se designa uniformemente de homossexualismo. Freud nota ainda, em 1920, sobre a Jovem Homossexual, que ele não pode sustentar:

"(...) que toda jovem que experimenta um desapontamento como o dela, como esse do anseio pelo amor, que brota da atitude do Édipo na puberdade, necessariamente cairá vítima do homossexualismo" (p. 208).

Deve-se marcar que Freud considera que o homossexualismo da Jovem "se tornou inequivocamente manifesto apenas no período seguinte à puberdade" (1920, p. 210). Ressaltamos isso para reafirmar que ele considera esse "período seguinte à puberdade" como crucial, quando podem se

dar modificações ou confirmações quanto ao caráter sexual mental do sujeito, ou seja, este é um período potencialmente de verificação dessa escolha. Este momento é crucial porque também o acaso pode desempenhar um fator determinante nesse processo, como aquele do nascimento do irmão da paciente de Freud.²²

No Homem dos Lobos (1918), o que Freud repara quanto à vicissitude de sua vida amorosa é que ele escolhe seu objeto de amor segundo o modelo da irmã, que foi interditado pela proibição do incesto. Porém, verificou-se, a partir da puberdade, que o que o faz gozar não cabe naquele modelo. Seu modo de gozar está referido a uma cena de sua infância, qual seja, a da governanta de quatro lavando no chão. Na época da puberdade esta cena é (re)investida sexualmente, e o modo como goza se liga às mulheres que lembram esta cena.

Retomando as contribuições de Silvestre (1982) e Laurent (1987), estes autores entendem a adolescência como sendo marcada por este segundo encontro com o sexual que desencadeia uma verificação da escolha do objeto de desejo, já efetuada na infância. Deve-se ressaltar que essa verificação não tem o sentido de uma ratificação da escolha anterior, mas de averiguar a verdade dessa escolha, o que só poderia ser feito através da concretização de um novo laço com o objeto.

Ao procurar a satisfação com o novo objeto o sujeito vai retomar suas fantasias infantis, lugar onde estão inscritas as condições de sua satisfação. Ou seja, é apoiado nessas condições de satisfação infantis, que o sujeito, no

22 Segundo lemos em Freud (1920): "Fizemos um levantamento das forças que conduziram a libido da jovem da atitude de Édipo normal à do homossexualismo, e dos caminhos psíquicos percorridos por ela no processo. O mais importante a esse respeito foi a impressão causada pelo nascimento de seu irmãozinho" (p. 207).

laço sexual com o outro, procurará satisfazer-se com o parceiro. No entanto, o que é experimentado é justamente uma inadequação entre as suas formas de obter satisfação e as do parceiro. Isso implicará em ter de verificar quais alterações ele deve produzir, a fim de poder incluir em sua fantasia o parceiro. Produzir modificações, a partir dessa experiência com a alteridade do outro sexo, de modo a que possa suportar que o parceiro goze de seu corpo, e que possa gozar do corpo daquele. Em suma, deve verificar na experiência com o outro sexo se as fantasias que intermediavam e sustentavam a satisfação sexual até então, servem ao sujeito neste momento em que ele está disposto biologicamente para realizar o ato sexual.

C A P Í T U L O 3

ADOLESCÊNCIA COMO UM NOVO TRABALHO PSÍQUICO PARA O SUJEITO

Na revisão bibliográfica procuramos colocar em evidência um recorte que trata das novas modificações psíquicas que esse tempo a partir da puberdade, o da chamada adolescência, enseja. Comum nessa bibliografia é o fato de que é exigido do sujeito, nessa época, um novo trabalho psíquico, tanto para lidar com velhas questões que retornam, quanto com as novas questões que aparecem.

3.1 - O destino dos primeiros objetos de amor

3.1.1 - o primeiro tempo da escolha de objeto

Na infância, durante o complexo de Édipo, o investimento amoroso-sexual da criança é dirigido aos pais. Já nessa época a criança elege um deles como objeto de amor.

"O conjunto das correntes sexuais se dirige a uma única pessoa, e nela querem alcançar sua meta" (Freud, 1905[1915], p. 181).²³

23 "El conjunto de los afanes sexuales se dirigen a una persona única, y en ella quieren alcanzar su meta".

Essa eleição constitui, para Freud, o primeiro tempo da eleição de objeto, realizada em dois tempos, sendo o segundo tempo realizado na puberdade.

No entanto, Freud observa que este amor pelo objeto de sua escolha está fadado ao fracasso, no que ele chama de "impossibilidade interna" do Édipo (1924, p.217). Desde sempre, na verdade, a criança encontra limitações à sua própria majestade no desejo dos pais. Mesmo oferecendo-se como o que falta a eles - como falo -, e até quando efetivamente lhes traz alguma satisfação, ou quando retira nesse movimento alguma satisfação para si, esta será sempre parcial, não absoluta, finita, e de uma harmonia duvidosa. Outro não é o destino do amor edípico.

Ainda em 1924, Freud observou que a ausência da satisfação que a criança esperava obter na relação amorosa com seus pais não é suficiente para que ela dê as costas "ao seu anseio sem esperanças" (p.217). Talvez isto não seja suficiente pois, nessa época, o mito edípico vai encobrir, na história de cada sujeito, o real em jogo nessa busca da satisfação complementar, o real de que esta não existe. O sujeito, no entanto, não interpreta isso como um impossível, mas como um impedimento, encarnado em alguém, um rival que impediria essa satisfação. Portanto, o sujeito pode preservar seu anseio como passível de ser realizado mais tarde, quando não houvesse mais impedimento. Não obstante, como efeito da interdição no Édipo, o objeto de amor, de onde viria sua satisfação, fica interditado, e o sujeito sob ameaça de castração.

O que ocorre, então, como solução, Freud descreve, é um recalcamen-
to do conflito, instaurando o período de latência. Como decorrência:

“Os resultados da eleição infantil de objeto se prolongam até uma época tardia; ou bem são conservados como tais, ou bem experimentam uma renovação na época da puberdade. Mas demonstram ser inaplicáveis, e isso em consequência do desenvolvimento do recalque, que se situa entre ambas as fases [na latência]. Suas metas sexuais experimentam uma atenuação, e representam o que podemos denominar a corrente terna da vida sexual. Somente a indagação psicanalítica é capaz de pesquisar, ocultas por trás dessa ternura, essa veneração e esse respeito, as velhas aspirações sexuais, agora inutilizáveis, das pulsões parciais infantis. (Freud, 1905 [1915], p. 182).²⁴

O recalque, portanto, faz com que a corrente sexual dirigida ao objeto infantil edipiano sofra uma atenuação, transformando-se em corrente afetiva, terna, da sexualidade. Esta transformação permite um desinvestimento dos pais²⁵, e, desse modo, será possível usar a corrente sexual para investir em novos objetos já que, pela transformação sofrida com o recalque, ela se tornou inutilizável para ser reinvestida.

No entanto, é importante lembrar novamente, a demanda do sujeito de uma completude amorosa/sexual com o objeto escolhido permaneceu preservada no inconsciente, já que está recalçada. A interdição edípica incidiu sobre o objeto de amor, causando um desinvestimento no objeto, mas perma-

24 “Los resultados de la elección infantil de objeto se prolongan hasta una época tardía; o bien se los conserva tal cual, o bien experimentan una renovación en la época de la pubertad. Pero demuestran ser inaplicables, y ello en consecuencia del desarrollo de la represión, que se sitúa entre ambas las fases. Sus metas sexuales han experimentado un atemperamiento, y figuran únicamente lo que podemos llamar la corriente tierna de la vida sexual. Sólo la indagación psicoanalítica es capaz de pesquisar, oculta tras esa ternura, esa veneración y ese respeto, las viejas aspiraciones sexuales, ahora inutilizables, de las pulsiones parciales infantiles.”

25 Há desinvestimento como efeito do recalque. “A retirada do investimento é postulada em psicanálise como substrato econômico de diversos processos psíquicos e nomeadamente do recalque. O fator determinante é o desprendimento do quantum de afeto da representação” (Laplanche e Pontalis, 1985, verbete: desinvestimento). Freud, em O Ego e o Id (1923) diz que o investimento nos primeiros objetos é abandonado e substituído por identificações (p. 46 e seguintes).

neceram inconscientes as fantasias de concretizar, mais tarde, aquela demanda de satisfação. A interdição edípica deixa o sujeito acreditar que a satisfação buscada é impedida de se realizar pela interdição, e não porque a satisfação total da pulsão seja impossível.

Não somente esse é o resultado do recalque do conflito edípico. Todo o processo também produz uma transformação importantíssima no ego. O Édipo deixa no psiquismo o superego como seu herdeiro. Assim, em 1933[1932], articulando a formação do superego com o abandono do Édipo, Freud diz:

“Abandonando o complexo de Édipo, uma criança deve, conforme pudemos ver, renunciar às intensas catexias objetais que depositou em seus pais, e é como compensação por essa perda de objetos que existe uma intensificação tão grande das identificações com seus pais, as quais provavelmente há muito estiveram presentes em seu ego. Identificações deste tipo, cristalização de catexias objetais a que se renunciou repetir-se-ão muitas vezes na vida da criança (...) À época em que o complexo de Édipo dá lugar ao superego, eles [os pais] são algo de muito extraordinário” (p. 83/84).

O superego não é somente um resíduo das primeiras eleições de objeto do id, diz Freud (1923), mas tem também a ‘significatividade’ (*Bedeutung*, “valor direcional”) de uma enérgica formação reativa frente a elas. O superego, tomando emprestada a severidade do pai, perpetua a proibição do incesto e, assim, assegura o ego contra o retorno do investimento libidinal nos primeiros objetos (Freud, 1924). Em 1938, Freud acrescenta:

“ (...) a hiperseveridade do superego não responde a um arquétipo objetivo, senão que corresponde a intensidade da defesa”

gasta contra a tentação do complexo de Édipo" (p. 208. Grifo nosso).

Entendemos aqui a "tentação do complexo de Édipo" como esse retorno do investimento libidinal nos primeiros objetos, o retorno das demandas de satisfação a eles dirigida, e dos pontos de fixação da libido. Um retorno como aquele que acontece na puberdade. E quanto maior a tentação, mais severo o superego, poder-se-ia dizer seguindo Freud.

Já podemos ver aqui o destino dos primeiros objetos de amor. Eles são desinvestidos e restabelecidos, por identificação, no ego, formando uma nova instância psíquica, o superego. Tem-se, desse modo, algo que Freud chamou de "metamorfose do relacionamento parental em superego" (1933 [1932], p. 81). A criança agora tem de lidar com a autoridade dos pais, agora estabelecida em seu psiquismo. Certamente sua relação com eles, conforme descrito até aqui, se transforma, quanto mais não seja, como um dos efeitos da instauração do superego. Senão vejamos. Freud (1923) afirma que o vínculo do superego com o ego não se esgota na advertência:

"Você deve ser assim (como seu pai). Ele também compreende a proibição: Você não pode ser assim (como seu pai), isto é, você não pode fazer tudo que ele faz; certas coisas são prerrogativas dele" (p. 49).

Através do paradoxo presente nessa sentença do superego, podemos notar o conflito, herdado do Édipo, que o sujeito deve elaborar. O conflito aqui é entre *dever ser* como o pai, mas *não poder ser* como ele. O sujeito pode ficar preso nesta armadilha se se submete ao superego. Ao dizer que não é ilícito ser como o pai, pois muitas coisas estão reservadas a ele, mas

não ao sujeito, o imperativo superegóico está afirmando que os limites estão do lado sujeito, e que o pai pode fazer coisas que o filho não pode fazer, incitando o sujeito a pensar que o pai talvez pudesse tudo. Ou seja, a castração, sob a forma de interdito do pai, fica do lado do sujeito e não do outro também. O outro pode, e o sujeito fica na impotência: deve ser como o pai, mas isso não é lícito, porque o pai tem prerrogativas que ao filho são vedadas. Isto quer nos indica que o superego não dá a dimensão da castração do outro. Ao contrário, serve para velá-la.

Por outro lado, se ao invés de submeter-se à proibição contida na sentença superegóica, o sujeito quiser atender a sua contrapartida - dever ser como o pai (que para Freud é a face de ideal do ego no superego) -, o sujeito pode vir a querer fazer tudo, tal qual o pai, na condição de este não se interpor como obstáculo. Quero dizer que ao submeter-se a qualquer uma das duas faces da admoestação do superego não há saída desejante para o sujeito, na medida em que em ambos os casos - na "impotência" do "não poder ser como o pai", e na "onipotência" do "dever ser" como ele - o que é evitado é o confronto com a castração do Outro.

Então, este herdeiro do Édipo, seu resto, acaba por velar a castração do outro, e por manter o sujeito na impotência em conseguir o que precisa, ou o que deseja. Ou melhor, deste destino estrutural do Édipo, o sujeito pode se servir para manter-se impotente, afirmando como proibido, interdito pelo pai algo que na verdade é impossível, não só a ele, sujeito, mas a todos, algo que é da ordem da castração.

Já podemos notar aqui que resta ainda ao sujeito o trabalho de deduzir a castração para todos²⁶, de outro modo deixará aprisionar-se pelo imperativo superegótico, uma vez que ele enuncia um paradoxo sem saída. Quando o sujeito afirma como interdito pelo pai o seu próprio desejo, ele evita responsabilizar-se por ele (seu desejo), tarefa que só cabe a ele, pois só assim pode verificar se aquilo que deseja é impossível ou não. O sujeito se poupa de assumir as consequências pelo que deseja e pelo que faz, ou não faz para acolher o desejo. A saída desejante para o sujeito está condicionada, então, à castração do Outro, que no superego está velada.

3.1.2 - o segundo tempo da escolha de objeto

"A eleição de objeto da época da puberdade tem de renunciar aos objetos infantis e começar de novo como corrente sensual. A não confluência das duas correntes tem como efeito várias vezes que não se possa alcançar um dos ideais da vida sexual, a unificação de todos os anseios em um objeto" (Freud, 1905[1915], p. 182).²⁷

Na época da puberdade, Freud postula a reunião das duas correntes, terna e sensual, num mesmo objeto. A primeira delas:

26 Lembremos que, na infância, ao se confrontar com a castração do Outro, o sujeito a percebe, retroativamente, como ameaça de castração, solucionando através do recalque este conflito que o implica narcisicamente. Portanto, a castração do Outro foi vista, mas recalcada, e o sujeito não pôde tirar dela todas as consequências. Lacan (1956-57) faz uma diferença entre a castração imaginária, da qual o sujeito deduz uma perda narcísica, que é agenciada pelo pai privador do Édipo, e a castração simbólica, que indica que todos os falantes, pelo fato mesmo de se submeterem a linguagem, são castrados. Nenhum possui de fato o falo. A castração simbólica é agenciada pelo pai real, diferente do pai da realidade. Sobre isso, referimos o leitor principalmente aos seminários 4 e 17 de Lacan.

27 "La elección de objeto de la época de la pubertad tiene que renunciar a los objetos infantiles y empezar de nuevo como corriente sensual. La no confluencia de las dos corrientes tiene como efecto tantas veces que no pueda alcanzarse uno de los ideales de la vida sexual, la unificación de todos os anhelos en un objeto."

"(...)reúne em si o que resta do anterior florescimento infantil da sexualidade. É como a perfuração de um túnel desde seus dois extremos" (1905, p. 189).²⁸

De um lado do "túnel" a sexualidade, que vai ocupar os traços simbólicos deixados na esteira dos primeiros objetos para buscar novos objetos; e do outro lado, o reinvestimento terno, afetivo, que retoma as antigas experiências do sujeito com os primeiros objetos. Neste momento em que as pulsões sexuais se atualizam num novo objeto, o sujeito terá de lidar com o recalçamento do desejo pelo objeto edípico - protótipo do novo objeto -, pois a interdição efetuada pelo Édipo incidia justamente na corrente sensual dirigida ao objeto de sua escolha.

O reinvestimento dos traços dos antigos objetos, como efeito do retorno da pulsão sexual na puberdade, se faz através das fantasias. Freud (1905[1920]) diz que as fantasias do período da puberdade prosseguem a investigação sexual abandonada na infância. Tais fantasias podem manter-se inconscientes. Elas estabelecem as formas nas quais os componentes libidinais recalçados acham sua satisfação (p.206). Dentre as fantasias do período da puberdade está a chamada "novela familiar", "na qual o adolescente reage frente à diferença entre a sua atitude atual face aos pais e a que teve em sua infância" (p. 206). Dentre as fantasias reativadas encontram-se, segundo Freud, principalmente àquelas relacionadas aos pais como objetos de amor, as fantasias incestuosas. Mas Freud, ainda no texto de 1905, vai mais adiante ao dizer que o destino que o sujeito deve dar a elas é o de desconsiderá-las e desprezá-las.

28 "La primera de ellas reúne en sí lo que resta del temprano florecimiento infantil de la sexualidad. Es como la perforación de un túnel desde sus dos extremos."

3. 2 - Mais do que um recalçamento do Édipo?

Em sua clínica com os neuróticos, Freud observara que o que formava o núcleo do conteúdo de uma neurose era o complexo de Édipo.²⁹ Esta constatação clínica o fez postular, por algum tempo, que para que o Édipo não causasse efeitos patogênicos o ego deveria conseguir 'mais do que um recalçamento' do complexo. Na revisão que fez dos "Três Ensaio ...", em 1920, Freud chama a isso de "dominar o complexo de Édipo"³⁰, e em 1924, de uma "destruição e cancelamento do complexo":

"Não vejo razão para negar o nome de "recalque" ao estranhamento do ego com relação ao complexo de Édipo, se bem que os recalçamentos posteriores sejam levadas a cabo a maioria das vezes com participação do superego, que aqui recém se forma. Mas o processo descrito é mais do que um recalçamento; equivale, quando se consuma idealmente, a uma destruição e cancelamento do complexo. Cabe supor que tropeçamos aqui com uma fronteira, nunca muito taxativa, entre o normal e o patológico. Se o ego não conseguiu efetivamente muito mais do que um recalçamento do complexo, este subsistirá inconsciente no id e

29 "Se disse com acerto que o complexo de Édipo é o complexo nuclear das neuroses, a peça essencial do conteúdo destas. Nele culmina a sexualidade infantil, que, por suas consequências, influi decisivamente sobre a sexualidade do adulto" (1905, p. 206) ["Se ha dicho con acierto que el complejo de Edipo es el complejo nuclear de las neurosis, la pieza esencial del contenido de estas. En él culmina la sexualidad del adulto.] Ou ainda conforme se deduz do que Freud dirá a seguir, no mesmo texto: "A medida em que nos aproximamos das perturbações mais profundas do desenvolvimento psicosexual, mais inequivocamente resalta a importância da eleição incestuosa de objeto. Nos psiconeuróticos, uma grande parte da atividade psicosexual para o encontro do objeto, ou toda ela, permanece no inconsciente. Para as meninas que tem uma exagerada necessidade de ternura, e um horror igualmente exagerado às exigências reais da vida sexual, passa a ser uma tentação irresistível, por um lado, realizar em sua vida o ideal do amor assexual e, por outro, ocultar sua libido sob uma ternura que podem exteriorizar sem auto-censuras, conservando ao longo de sua vida a inclinação infantil, renovada na puberdade, aos pais ou irmãos (...) Também naqueles casos em que uma pessoa, antes sã, adoece depois de sofrer uma experiência de amor infeliz, se pode descobrir, com certeza, como mecanismo de sua enfermidade, a reversão de sua libido às pessoas prediletas em sua infância" (1905, p. 207-8).

30 "A todo ser humano que nasce se coloca a tarefa de dominar o complexo de Édipo; aquele que não pode resolvê-la, cai na neurose" (1905, p. 206). ["A todo ser humano que nace se le plantea la tarea de dominar el complejo de Edipo; el que no puede resolverla, cae en la neurosis."]

mais tarde exteriorizará seu efeito patogênico" (Freud, 1924, p. 184/ 185).³¹

Vemos então a questão com a qual Freud estava lidando: o que livraria o sujeito da neurose? Freud não podia recuar do que aprendia em sua clínica; se a "peça essencial" do conteúdo das neuroses era o complexo de Édipo, nada mais lógico que formular que se este não deixasse vestígios no inconsciente não haveria efeitos patogênicos.

No entanto, mais tarde ele não insistirá nessa idéia. Ao contrário, como podemos ver no "Esboço de Psicanálise":

"A experiência completa, com todos os seus antecedentes e consequências (...), é submetida a um recalque altamente enérgico, e, tal como se torna possível pelas leis que operam no id inconsciente, todos os impulsos e reações emocionais mutuamente conflitantes que estão sendo postos em movimento nessa ocasião são preservados no inconsciente e ficam prontos a perturbar o desenvolvimento posterior do ego após a puberdade" (1940[1938], p. 219/ 220. Grifo nosso).

A solução ideal para o complexo de Édipo - sua destruição, ou seja, não deixar vestígios no inconsciente - foi relativizada pela idéia de que com o recalque do Édipo algo do conflito é preservado no inconsciente e potencialmente pode causar efeitos patogênicos³².

31 "No veo razón alguna para denegar el nombre de "represión" al extrañamiento del yo respecto del complejo de Édipo, si bien las represiones posteriores son llevadas a cabo la mayoría de las veces con participación del superyó, que aquí recién se forma. Pero el proceso descrito es más que una represión; equivale, cuando se consuma idealmente, a una destrucción y cancelación del complejo. Cabe suponer que hemos tropezado aquí con la frontera, nunca muy tajante, entre lo normal y lo patológico. Si el yo no ha logrado efectivamente mucho más que una represión del complejo, este subsistirá inconciente en el ello y más tarde exteriorizará su efecto patógeno."

32 Podemos pensar que o que levou Freud a relativizar aquela solução ideal foi novamente sua clínica. Lembremos que ele dizia que ao falar da destruição como um desfecho ideal do Édipo, se estava entrando na questão das fronteiras entre o normal e o patológico. Ora, como psicanalista, que recebe os que têm problemas com o Édipo, digamos assim, ele não poderia se

Voltemos ao momento da incidência da segunda onda de excitação, e todo o movimento, já descrito, que ela arrasta consigo. Vemos então a situação do sujeito na puberdade. O jovem se depara com o real do sexo, e é despertado por ele, como bem descreve Alberti (1996):

“Um dia, de repente, escreve Freud, o sujeito é literalmente surpreendido por estas secreções: a menarca e as poluções, eis o novo encontro com o real do sexo. Por mais preparado que esteja, a partir da tão expandida educação sexual - da escola, da família, da rua - há um real em jogo diante do qual o sujeito não encontra fuga possível, pois não dá para fugir do próprio corpo que segrega um a mais de energia a partir desse momento (...) a sexualidade que se desenvolve no momento da puberdade, interrompe o sono do Édipo, porque o sujeito tem agora a possibilidade e a maturação biológica suficientes para colocar em ato seu desejo edípico” (p.165).

O fato de o sujeito só poder contar com as antigas soluções dadas àqueles conflitos, não o exime de ser chamado à necessidade de encontrar outras novas. Esse não deixa de ser um momento crítico na vida de um sujeito. No entanto, o que a clínica nos faz saber é que, a partir desse momento, a perturbação e o sofrimento que levam à neurose - ao sintoma, à inibição e à angústia -, são causados pela insistência do sujeito em aplicar as mesmas soluções - as antigas, edípicas - aos novos problemas que a vida apresenta. Há neurose quando o sujeito chega a perceber que as soluções são obsoletas, mas ainda assim insiste.

autorizar em afirmar uma solução ideal / normal, pois assim estaria 'normativizando', postulando um ideal de normalidade que não cabe à psicanálise. O "normal" de que se trata em psicanálise nos parece bem singular. Não se trata de enquadrar um sujeito em padrões culturais, psicológicos, ou quaisquer outros exteriores à sua própria singularidade; ou mesmo estandarizá-lo segundo o que se espera teoricamente de um final de análise, o "sujeito analisado", pois este também é particular (o que não exclui a pertinência de uma teoria do final da análise). Trata-se, talvez, de um "normal" definido a posteriori do tratamento, do atravessamento da neurose, uma a uma.

Pode-se dizer que o fato de o sujeito querer voltar a "dormir"³³, ou insistir nas soluções obsoletas, como dissemos, é fato humano por excelência, em qualquer época da vida. Ninguém quer saber da castração, ninguém quer saber que quanto ao sexo só há desproporção, que o encontro com o parceiro é mais desencontro do que harmonia e completude. Poderíamos fazer uma analogia com uma certa passagem do texto freudiano. No "Esboço de Psicanálise" (1940 [1938]) Freud diz que a ameaça de castração, que tem importância central na infância e pode ser fonte de problemas posteriores,

"(...) é tão completamente esquecida que sua reconstrução, durante o trabalho de análise, se defronta nos adultos com a descrença mais decidida. Na verdade, a aversão a ela é tão grande que as pessoas tentam silenciar qualquer menção ao assunto proscrito e os mais óbvios lembretes dele são menosprezados por uma estranha cegueira intelectual (...) A ignorância de Édipo constitui representação legítima do estado inconsciente em que, para os adultos, toda a experiência caiu, e a força coercitiva do oráculo, que torna ou deveria tornar inocente o herói, é um reconhecimento da inevitabilidade do destino que condenou todo o filho a passar pelo complexo de Édipo (...) a falta geral de compreensão por parte do mundo literário demonstrou quão pronto está o grosso da humanidade a aferrar-se aos seus recalcamientos infantis" (p. 220/ 221. Grifo nosso).

Do mesmo modo, não se quer saber da castração do Outro, do impossível da satisfação completar, da inexistência da relação sexual³⁴.

33 Numa nota de rodapé em 1911, no texto "Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental", Freud diz: "O estado de sono é capaz de restabelecer a semelhança da vida mental, tal como era antes do reconhecimento da realidade, porque um dos pré-requisitos do sono é a rejeição deliberada da realidade (o desejo de dormir)" (p. 278. Grifo nosso).

34 Sobre isso é curioso o comentário de Freud (1920): "Não posso desprezar a oportunidade de expressar, de passagem, meu espanto de que os seres humanos possam atravessar tão grandes e importantes momentos de sua vida erótica sem notá-los muito; na verdade, às vezes nem mesmo possuem a mais pálida suspeita de sua existência, ou então, havendo-se dado conta desses momentos, enganar-se a si mesmos tão completamente no julgamento deles. Isto não

Mas não estamos afirmando de que se trata a partir da puberdade de o sujeito passar a querer saber disso. O que nos parece o inédito, colocado a partir desse momento para o sujeito, é justamente que para poder agir com seu desejo, para escolher seu caminho é necessário enfrentar a questão que causou seu "despertar", a questão do impossível da relação sexual. Para isso é necessário um trabalho psíquico, poderíamos dizer um desenvolvimento, nos termos apresentados por nós na Introdução desta dissertação, qual seja o de abandonar as esperanças de complementariedade, aceitar que o sexual é inadequação, é "fracasso pré-formado"³⁵, e, desse modo, construir seu próprio modo de lidar com esta questão de modo que possa retirar daí alguma satisfação³⁶. Trabalho em nada comparável àquele feito na infância. Portanto, nesse sentido, esse trabalho exigido a partir da puberdade é de fato mais do que um recalçamento.

Além disso, se para lidar com o retorno do Édipo na puberdade Freud (1905) postula realizações psíquicas, a desconsideração e o desprezo das fantasias incestuosas e o desligamento da autoridade paterna (p. 207), ou seja, postula a exigência de um a mais de trabalho, esse a mais de trabalho é por relação ao recalçamento, conforme vimos até aqui. Assim podemos dizer que o que Freud postulou como realização psíquica nesse tempo a partir da puberdade seria, assim, mais do que o trabalho de recalçamento.

acontece apenas em condições neuróticas, onde estamos familiarizados com o fenômeno, mas parece ser também bastante comum na vida ordinária" (p. 206).

35 Como diz Lacan (1975): "A sexualidade dita fundamental em Freud consiste em sublinhar que tudo que tem relação com o sexo é sempre fracassado. É a base e o princípio da idéia mesma de fiasco. O fracasso pode ser definido como o que é sexual em todo ato humano."

36 Não se afirma com isso que seguir o caminho do desejo seja seguir um caminho libertador, sem vínculos, sem compromissos, o indivíduo sendo o único juiz de seu arbítrio. Ele continuará sendo determinado. O efeito não é o dessa liberdade. Talvez uma desinibição, mas certamente o de responsabilidade para com isso que o sujeito escolhe quando escolhe pelo desejo. Caminho que pode não ser simples ou confortável (na verdade nunca é) uma vez que leva o sujeito a ter de arcar com as consequências de sua escolha.

Se nos reportarmos ao que Freud dizia em 1911, o recalçamento está presente ao nos afastarmos de qualquer evento que possa despertar desprazer, levando ao "desejo de dormir", prova do poder do princípio do prazer (p. 278)³⁷. Nada mais "desprazeroso" que todo esse trabalho de aceitação da castração. Desse modo, se quando o sujeito é convocado, pelo re-despertar para o sexual, a efetuar realizações psíquicas, ele, ao invés disso, voltar a "dormir", ou seja, insistir num novo recalçamento, ele estaria, assim, dando uma resposta infantil. Se a criança pode ser entendida como um sujeito cuja libido não se deslocou dos objetos primários (Miller, 1992), podemos localizar a resposta infantil do sujeito que não é mais criança em sua insistência no retorno da libido aos objetos primários, revivendo a satisfação obtida, poupando-se de abandoná-la, parafraseando Miller.

Tal como desenvolvemos até aqui, somos levados a pensar então que todo esse trabalho psíquico dá uma nova solução ao Édipo, não no sentido de um cancelamento do complexo, que não deixasse traços, mas o trabalho subjetivo de construção de uma outra solução diferente de seu recalçamento. Vamos considerar desse modo nossa hipótese quanto ao que seria a adolescência para a psicanálise. Um "despertar" para um tipo de trabalho psíquico cuja direção, se realizado, seria a de uma mudança na posição do sujeito quanto ao laço sexual e amoroso com o novo objeto de amor, com os antigos objetos - os pais -, e quanto ao que o sujeito mesmo pode arcar de responsabilidade sobre seus atos.

37 Ver nota de rodapé número 33.

3.3 - O "despertar" para o sexo e o limite da função fálica

Ainda há mais uma questão, articulada ao que vínhamos dizendo até aqui, que merece ser mais comentada. Ela se refere às consequências psíquicas do segundo encontro com o sexual, na puberdade, e às diferenças com relação ao tipo de satisfação sexual obtida na infância.

Para Lacan e seus seguidores, o inédito para o sujeito trazido pelo desejo genital, durante a puberdade, é o novo encontro com o real do sexo. Mas o que há de inédito nesse encontrar com o real do sexo?

Freud (1911) dizia que as pulsões sexuais a princípio comportam-se auto-eroticamente, obtendo sua satisfação do próprio corpo, de um modo que ele já havia qualificado, em 1905, de perverso polimorfo. Essa condição de satisfação auto-erótica, diz ele, faz com que as pulsões sexuais não se encontrem na situação de frustração que força a instituição do princípio de realidade. Considera então que o auto-erotismo e a latência fazem com que a pulsão sexual seja detida em seu desenvolvimento psíquico e permaneça por muito mais tempo sob o domínio do princípio do prazer.

Parece ser com base nisso que Silvestre (1982) diz que a criança se atém, para sua satisfação pulsional, à perversão polimorfa, quer dizer, num recuo diante da primazia do falo (p. 28). Esse recuo do sujeito criança provém, segundo ele, de um real com o qual ela se depara:

"O real que a criança encontra e diante do qual ela recua, é o fato de que o ser falante é constituído de dois conjuntos distintos, o dos homens e o das mulheres. O que é real nessa bipartição é que entre esses dois conjuntos não há relação possível. Entre um homem e uma mulher nenhuma relação é possível por causa da intromissão do sexual. Ao contrário, é o sexual mesmo que os faz, a um e a outro, radicalmente estrangeiros (...) Ora,

esta alteridade do outro sexo, o complexo de Édipo vem mascarar-la ao preço da castração (para se aliviar deste real deve-se pagar um preço, a castração), quer dizer da exaltação, da eleição do falo como primado. O falo faz bandeira aos seres falantes dos dois sexos para que eles se unam imaginariamente e para que eles se pareçam simbolicamente (...) O real desta alteridade é colocado em vigília, em latência, diz Freud, é com efeito o que ele chama de período de latência, essa parada num dado momento, e é o complexo de Édipo que permite que isso pare" (p.28).³⁸

Silvestre diz aí que o complexo de Édipo, assentado sobre a lógica fálica, que divide os seres entre os que têm e os que não têm o falo, vem colocar um véu sobre a ausência da relação entre os sexos. O falo é a única inscrição no inconsciente que assinala a distinção anatômica entre os sexos. Lacan (1958) articula o falo como o significante que representa essa diferença entre os sexos. O falo marca uma presença sob o fundo da ausência do objeto que completaria. Ou seja, marca que algo falta, e dá uma representação a essa falta, fazendo com que o objeto revestido com seu valor seja um objeto de desejo.

É em torno da lógica fálica que será possível que a partir do real da diferença, da alteridade radical entre homens e mulheres se faça a construção mítica do Édipo. O mito é sempre construído em torno de um inexplicá-

38 "Le réel en question, ce que l'enfant rencontre, et ce devant quoi il recule, c'est le fait que l'être parlant est constitué de deux ensembles distincts, l'ensemble des hommes et l'ensemble des femmes. Ce qui est réel dans cette bipartition, c'est qu'entre ces deux ensembles il n'y a pas de rapport possible. Entre un homme et une femme aucun rapport n'est possible par l'entremise du sexuel. Au contraire, c'est même le sexuel qui les fait l'un à l'autre étrangers, radicalement. (...) Or, cette altérité de l'autre sexe, le complexe d'oedipe vient le masquer au prix de la castration (pour ce soulager de ce réel il faut payer un prix, la castration), c'est à dire de l'exhaustion, de l'élection du phallus comme primat. Le phallus fait bannière aux êtres parlants des deux sexes pour qu'ils s'unissent imaginaiement et qu'ils se rassemblent symboliquement. (...) Le réel de cette altérité est mis en veilleuse, en latence, dit Freud, c'est en effet ce qu'il appelle la période de latence, ça s'arrête à un moment donné et c'est le complexe d'oedipe qui permet que ça s'arrête."

vel, um imponderável. Assim, ele tece em torno de um ponto de real uma história, uma tentativa de explicação deste ponto, encobrindo-o, como uma forma de se poder lidar com esse real. O Édipo é um mito, uma história que permite pensar que se não há uma relação possível entre o homem e a mulher, haveria uma relação entre um homem, como pai e uma mulher, como mãe. Desse modo também, o Édipo dá coordenadas, ancoragens (identificações) simbólicas e imaginárias para a criança poder sustentar-se com relação ao traumático que o sexual sempre é, e lhe dá um lugar, fálico, no desejo desse homem e dessa mulher. Nesse sentido, poder-se-ia dizer que o Édipo seria a tentativa de inscrever todas as relações possíveis entre essas duas funções, a de pai e a de mãe, derivando daí um lugar para o sujeito. E na medida em que equaciona e relaciona funções, o sujeito metaforiza, substitui, a condição real do homem e da mulher - radicalmente estrangeiros quanto ao sexo - pelas de pai e mãe. Isto é, o sujeito substitui a falta de relação entre os sexos pela existência de uma relação entre um pai e uma mãe, o que lhe dá um determinado valor (seja ele qual for) no desejo dos pais. Dito de outro modo, ela se identifica falicamente.

No entanto, esse recobrimento que o falo - ou qualquer outra metáfora, para não excluirmos de todo a situação da psicose - faz da alteridade entre os sexos não é algo que um sujeito possa deixar de fazer. Desde que entre no reinado do falo, esse recobrimento é tão acessível quanto compulsório. Além disso, o Édipo tem a função estruturante de possibilitar à criança sua localização com relação ao desejo desse homem e dessa mulher.

A lógica fálica vigente no Édipo também leva o sujeito a situar-se na partilha dos sexos, por exemplo, entre os que têm e os que não têm o falo.

Então, o real que o falo vela - porque velar aqui deve ser tomado nos sentidos de encobrir, ocultar com véu, mas também o de zelar, proteger o sujeito desse traumático - é justamente esse impossível da complementaridade entre os sexos, a ausência de relação sexual. Ao mesmo tempo que a predominância dessa lógica fálica permite ao sujeito sua localização em um dos sexos e o protege do real do sexo, sempre traumático, ela também encobre a dedução desse impossível da relação sexual. Nessa lógica, ao invés de impossibilidade há impotência. Só existe aquele que tem e aquele que não tem o falo. Não há chances, nessa lógica, de se pensar que, na verdade, ninguém possui esse objeto de desejo por excelência, aquilo que se houvesse complementaria a satisfação do sujeito.

É também o Édipo, retomando Silvestre (1987), que dá chances desse real da alteridade ser colocado em latência, em algum momento.

“Esse real só ressurgir [interrompendo a latência] quando o sujeito reencontra de novo este outro sexo, não mais como evocador da ameaça de castração - como é o caso do primeiro encontro, quer dizer ser colocado face à diferença dos sexos - mas como revelador desta união impossível, desta exclusão irrevogável, definitiva que marca cada sujeito por relação ao sexo do qual ele não faz parte. Este segundo encontro marca o que se chama a adolescência” (p. 29).³⁹

Silvestre parece dizer que uma vez experimentado esse reencontro, todo o recobrimento que o Édipo dava a esta questão já não serve mais

39 “Il ne resurgit ce réel que lorsque le sujet rencontre à nouveau cet autre sexe, non plus comme évocateur de la menace de castration - comme c'est le cas lors de la première rencontre, c'est-à-dire être mis en face de la différence des sexes - mais comme révélateur de cette union impossible, de cette exclusion irrévocable, définitive qui marque chaque sujet par rapport au sexe auquel il n'appartient pas (...) Cette seconde rencontre marque ce qu'on appelle l'adolescence (...)”.

como antes, encontra seu limite. O véu foi levantado e viu-se que não há nada atrás dele, como Lacan dizia em 1974⁴⁰.

3.3.1 - um retorno à clínica

Se nos reportamos ao início de sua obra podemos notar que Freud já notara que não seria só a partir da emergência do desejo genital que o sujeito experimentaria um descompasso entre sua demanda e a satisfação que obtém. Barros (1992) descreve bem isso.

“Desde sua mais tenra infância, a criança vem se confrontando com o desencontro próprio do sexual, pelo fato de enquanto ser falante estar fadada a passar pela linguagem, pelos significantes do Outro para a satisfação de suas supostas necessidades. O que faz com que desde o nível oral, a relação sexual, a união de corpos aí em jogo esteja fadada ao fracasso. Lacan em seu seminário sobre a transferência que por se tratar nesse nível de um encontro de demandas (demanda de ser nutrido da parte do sujeito e demanda de se deixar nutrir da parte do Outro) e não de tendências, há sempre o lugar do “fracasso pré-formado” porque um desejo ultrapassa essas demandas (...) Desde aí o sujeito está confrontado com a impossibilidade de complementariedade entre ele e o Outro. Nem ele pode completar o Outro se deixando nutrir, nem o Outro pode completá-lo nutrindo-o” (p. 94/ 95).

40 “Que o que Freud delimitou do que ele chama sexualidade faça buraco no real, é o que se conhece no fato de que ao ninguém safar-se bem do assunto, ninguém se preocupe mais por ele. No entanto, é uma experiência ao alcance de todos. O pudor a designa como o privado. Privado de quê? Justamente de que o púbis não chegue senão ao público, onde se exhibe por ser o objeto de um levantamento do véu. Que o véu levantado não mostra nada, este é o princípio da iniciação (ao menos, nos bons modos da sociedade)” (p. 110. Grifo nosso). (“Que lo que Freud delimitó de lo que él llama sexualidad haga agujero en lo real, es lo que se palpa en el hecho de que al nadie zafarse bien del asunto, nadie se preocupe más por él. Sin embargo, es una experiencia al alcance de todos. El pudor la designa como lo privado. ¿Privado de qué? Justamente de que el pubis no llegue sino al público, dónde se exhibe por ser el objeto de un levantamiento del velo. Que el velo levantado no muestra nada, éste es el principio de la iniciación (al menos, en los buenos modales de la sociedad).

Mesmo com toda a satisfação que possa haver entre a mãe e a criança, cedo esta última percebe que a mãe continua querendo algo para além dela. A satisfação que ela lhe traz não basta à mãe. É ao pai como falo, como representando o que a mãe pode ainda querer, que a criança atribuirá o que poderia satisfazer ainda a mãe. Diante do falo, as duas posições quanto aos sexos são as de *ter o falo* ou *ser o falo*, ter o que satisfaria ou ser o que satisfaria. O enigma de como responder à insatisfação da mãe é solucionado ocupando-se, identificando-se com uma dessas duas posições, e em uma delas o sujeito se satisfaz. Ou seja, a lógica fálica que rege a sexualidade na infância baseia-se na idéia, na crença, de que a falta do outro pode ser preenchida, uma vez que, se não todos, pelo menos alguém possuiria o falo.⁴¹ Esse outro a quem falta, também já afirmava Freud (1905), é a mãe. A mãe, como ele diz, como o último indivíduo da série que as pesquisas da criança preserva dessa constatação. Ao perceber isso, como já dissemos, a criança ressignifica, a posteriori, a sua própria falta, ou a ameaça de faltar. É com esse recurso da lógica fálica - com o falo - que ela tentará sempre responder ao que falta à mãe, à castração da mãe. Essa resposta supõe a ilusão de que essa falta pode ser preenchida.

Uma nova questão se coloca quando o sujeito percebe que há algo da insatisfação da mãe como mulher, algo relativo ao gozo feminino que o

41 Freud (1905) postulou que de início a criança acha que todos têm o pênis. A partir da visão da ausência do pênis na mulher, ela passa a construir teorias, mitos, em torno desse ponto de real. A partir daí também surge a confirmação da ameaça de castração como temor de que aconteça, ou, nas meninas, como constatação de que ocorreu. Na organização genital infantil, segundo Freud (1923), "para ambos os sexos só entra em consideração *um genital*, o masculino. Portanto, não há um primado genital, senão um primado do *falo*" (p. 146) ["El carácter principal de esta 'organización genital infantil' (...) reside en que, para ambos sexos, sólo desempeña un papel *un genital*, el masculino. Por tanto, no hay un primado genital, sino un primado del *falo*"]. Neste texto ele vai insistir que se trata então de um primado do falo, e não um primado do genital, reafirmando assim uma diferença entre pênis e falo, o que permitiu a Lacan, com os instrumentos de sua época, "ler" o falo como um significante dessa diferença entre os sexos.

sujeito não consegue satisfazer falicamente. Seu único recurso é recorrer à crença de que se a satisfação é falha ou é incompleta é porque foi usurpada pelo pai, e poderá, um dia, ser encontrada no parceiro sexual. Desse modo, o sujeito recalca o que se mostrava impossível de ser respondido e de ser satisfeito (Barros, 1996, p. 72).

No entanto, em algum momento de sua relação com o novo objeto, o sujeito vai se deparar com o fato de este recurso ao pai, o recurso a esta lógica fálica, o recurso ao pai como privador da satisfação do sujeito é insuficiente. É isso o que quer dizer propriamente o encontro com a alteridade radical do Outro sexo, quando o sujeito percebe que o falo não serve mais como único recurso para lidar com os problemas que se apresentam a partir desse encontro. Quando o sujeito, nesse encontro, se depara com aquilo que do gozo escapa à significação que o falo pode dar, ele só romperá com a continuidade edipiana se puder deduzir que a satisfação que ele obtém falicamente não é total porque é justamente esse o seu caráter.

Vamos retomar o fragmento clínico de Barros⁴² a fim de tentar ilustrar esta questão. Naquele fragmento, um jovem chegou à análise pelas dificuldades em lidar com as demandas da namorada. Pode-se supor que só o fato dele estar já nesse laço amoroso - sexual com esta mulher denota um "sucesso" quanto ao desinvestimento do seu primeiro objeto amoroso (no caso deste jovem, a mãe, conforme se poderá notar ao se retomar o fragmento), no sentido de que ele pôde retomar o investimento amoroso - sexual num outro objeto. Suas dificuldades começam no momento em que a namorada faz as suas demandas. O meio que ele tinha de responder a elas era tentando satisfazê-las, pois imaginava que assim ele poderia ter dela o

42 Página 16 desta dissertação.

“colo”, o “conforto” que o satisfaria, já que esse era o “modelo” fantasmático de satisfação que ele tinha para seguir - o de satisfazer a mãe de modo que pudesse obter desta o “colo”, o “conforto” do qual retirava a sua própria satisfação. ‘Fazia-se de falo’ (isto é, identificava-se àquele que tem o falo, àquele que satisfaria a mãe) para obter uma satisfação, também fálica - não auto-erótica ou masturbatória, pois ele não retirava essa satisfação de seu próprio corpo, mas essa satisfação dependia de um laço mais efetivo com a mãe. Este modelo de satisfação fálica persistiu no encontro com o novo objeto de amor, deixando-se escravizar pelas demandas da namorada na esperança de assim satisfazê-la (tal qual o modelo, na intenção de retomar o que ficou perdido na interdição dessa satisfação com a mãe, que o levou a abandonar esse primeiro objeto). Mas eis que as demandas da namorada, dirigidas a ele, continuam, mostrando-lhe que responder dessa maneira perpetua um ciclo vicioso, escravizando-o àquelas demandas. Sua persistência numa resposta identificada ao falo, a escolha forçada e aparentemente sem saída desse tipo de resposta, expressa um sintoma. A insistência em continuar a aplicar essa mesma resposta, que ele mesmo com sua queixa mostra que é obsoleta, caracteriza uma escolha pelo gozo que ele obtém com esse sintoma. No entanto, tudo isso lhe causa angústia, o que o faz recorrer a um analista. Barros (1996) comenta que é curioso neste caso como fica patente a precariedade dessa resposta identificada ao falo, quando se trata de lidar com a mulher como parceiro sexual, e não como mãe (p. 75). Ela ainda comenta:

“Se o despertar dos sonhos permite lidar com o encontro sexual na adolescência, o que se apresenta aí como real, naquilo que do desejo de uma mulher não se escreve no falo, provoca um outro despertar” (Barros, 1996, p. 75).

Ela aponta aí para o despertar da adolescência provocado pelo confronto com essa alteridade do Outro sexo, na medida em que é veiculada pelo gozo feminino, ou seja, esse gozo que escapa em ser significado pela ordem fálica, que o significante *falo* não recobre.

Deve-se observar, todavia, que a pulsão (sexual) se satisfaz (no ato sexual propriamente dito), pois como já dissemos anteriormente, nenhum objeto é adequado, nenhum encaixa, cabe perfeitamente, por isso deixa resto de insatisfação que vai servir para relançar o desejo, mas por isso mesmo qualquer um serve à satisfação, que portanto é de caráter parcial. Parcial em relação a um todo impossível, não um parcial porque não se "gozou tudo", ou pela impotência de alguém. A satisfação fálica há, é essa que o sujeito deve poder (usu)fruir. O que o sujeito têm de suportar é que o parceiro não é tudo o que ele(a) quer, não perfaz o todo a que a fantasia incestuosa aspira.

O que libera o sujeito para que ele possa articular desejo e gozo - articular, e não reunir as duas correntes, já que estas ficaram para sempre marcadas por um impossível, que seria o paradigma do sujeito humano, que é despertado na adolescência - é que ele possa deduzir que o incesto, a satisfação complementar, absoluta, não é possível porque é interditada pelo pai, mas porque é impossível⁴³; que não existe a satisfação complementar não porque não deixam (o pai privador não deixa, aquele com quem o superego se identificou), mas porque ela é parcial. E é desse modo que o sujeito pode gozar, falicamente.

43 É essa função do impossível que o pai real, categoria lacaniana, vai articular, e que permite que se transmita a castração para todos; permite que o pai só possa transmitir a castração simbólica na medida em que esta valha antes de tudo para ele, e que só possa fazer cumprir a lei, a lei da castração, se ele está submetido a ela.

Podemos então pensar que o sujeito a partir da adolescência é chamado a despertar de seu sono (sonho) edipiano, incestuoso⁴⁴, e a trabalhar para poder abandonar sua posição de responder ao real do sexual mantendo-se identificado ao falo, mantendo-se numa resposta infantil. Se há então um contraponto à sexualidade da infância é no sentido de o sujeito poder acolher o real do sexo, e não de esforçar-se para recobri-lo, recalçá-lo. O que se exige de não-infantil, a fim de que o sujeito possa manejar com seu desejo, é que não atribua ao outro a responsabilidade pelo que acontece com ele (sujeito) quando se encontra com algo que é da ordem do real, esses encontros sempre faltosos, faltosos de sentido, de explicação padrão, de satisfação 'toda'.

44 Sonho incestuoso entendido como a esperança na satisfação total.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A perspectiva psicanalítica não pensa o desenvolvimento a partir de objetivos pré-determinados a serem alcançados, coordenados à idade cronológica. Antes, parte-se da constatação clínica de que o sujeito, ao ser levado a responder às moções pulsionais e às demandas do Outro, deve consentir em perder algo da satisfação obtida ao ocupar determinada posição subjetiva com relação ao Outro.

Verificamos que a chamada adolescência, para a psicanálise, é o "despertar" para a necessidade de inventar novas respostas ao que se apresenta como o real da ausência da relação sexual. É o tempo onde o sujeito se vê convocado a inventar novas respostas, já que a solução fálica sozinha não dá conta das novas exigências feitas a ele. Portanto, exige dele um novo trabalho psíquico, que conseqüentemente implicará perda, luto, elaboração, de modo a que o sujeito possa retomar uma forma de poder lidar com o que se apresenta. Assim, a adolescência se especifica para a psicanálise por esse momento de "despertar" e começar a empreender um novo trabalho psíquico, que exige uma resposta diferente de um recalçamento dessas questões. Nesse sentido, é um momento onde o sujeito tem a chance de poder dar um outro destino ao que retorna do Édipo, que não seja o de recalçá-lo. A partir deste "despertar", a repetição das antigas respostas, ou uma recusa do trabalho só configurará um adiamento ou procrastinação da solução. Portanto, a impressão do sujeito de *ainda ser um adolescente*, ouvida

muitas vezes na clínica, talvez seja a forma dele expressar que se deparou com um recuo seu diante do trabalho psíquico requerido.

Na puberdade o sujeito tem de tentar se reajustar a seu corpo em transformação, e ao que agora ele é biologicamente capaz de fazer. Precisa se reposicionar frente aos pais, pois não é mais tão "natural" que eles resolvam os seus problemas. Além disso, coloca-se nesta época a questão da relação com o parceiro amoroso/ sexual, com o qual encontra dificuldades por conta do real da ausência da relação sexual, que ele precisará aceitar. Isto implica em poder aceitar que a satisfação é inadequada e deixa resto não porque ela seja interdita ou proibida, mas porque a satisfação total é impossível.

Levantaremos, para uma breve consideração, mais dois pontos que nos parecem importantes.

O primeiro diz respeito à articulação entre a sexualidade infantil e o que Freud (1905) chamou de "conformação normal definitiva" da vida sexual, que muitos entenderam como a existência de uma sexualidade adulta. A sexualidade humana é infantil no sentido de que o ser humano é sempre imaturo quanto ao sexual. Isto porque o objeto que lhe serve, trazendo satisfação, ao mesmo tempo, nunca será adequado.

No entanto, a vida sexual não mantém as mesmas exigências durante toda a vida. Em dado momento, o sujeito terá de desinvestir os pais como objetos sexuais, modificar seus laços com eles, e investir sexualmente em novos objetos. Este investimento, além de ser feito nas fantasias, deve passar por um laço real com o objeto. Ao fazer isso, o sujeito se depara com experiências muitas vezes incompatíveis com àquelas experimentadas na

fantasia. A questão que se coloca então é que aquilo que ele terá de verificar e aceitar é que essa incompatibilidade é estrutural do sexual, no laço sexual com o outro.

Portanto, para haver desenvolvimento - tal como o entendemos - a partir dessas novas exigências, o que o sujeito deve perder é a ilusão de um encontro adequado, idílico com o parceiro, e, por consequência, um certo tipo de satisfação que ele obtinha na fantasia, de modo a que possa responder de outra forma à inadequação própria do sexual. Ou seja, a sexualidade continua sendo infantil, mas o sujeito deve construir novas formas de lidar com ela que não seja dar as mesmas respostas infantis, que, então, passa a experimentar como inúteis e obsoletas. A experiência de impotência ou de inibição é correlata da insistência nas respostas obsoletas.

O segundo ponto que gostaríamos de levantar refere-se à clínica com os sujeito adolescentes. O que podemos observar nesta clínica é o surgimento de questões específicas. O que chama a atenção é a fenomenologia emergencial, muitas vezes de crise, desse momento, que quando acaba, por algum tipo de modificação subjetiva que o sujeito tenha conseguido, aparece fenomenologicamente como o fim da adolescência. Não obstante, as questões colocadas para o sujeito neste momento são aquelas que ele terá de lidar daí para frente. Seja porque as adiou, ou mesmo quando as atravessou. A questão do real do sexo no confronto com o parceiro; das demandas do Outro, seja qual for sua figuração, por exemplo no trabalho; aquilo a que ele precisará renunciar, e ao que não poderá, a fim de não ceder de seu desejo, com todas as consequências e o mal estar que o sujeito terá de suportar; a responsabilidade em arcar com os efeitos de seus atos,

todas são questões que continuarão sempre afetando o sujeito, uma vez que seja qual for a solução em que ele se encontre elas não recobrem o real em jogo. No entanto, há que se construí-las, e retomá-las quando necessário, uma vez que há de se conviver com uma certa infelicidade e o mal estar inerentes ao humano, mas de preferência sem o sofrimento, excessivo, neurótico, parafraseando Freud (1895, p.363).

Quando estas questões emergem, o sujeito pode ir ao analista por encontrar dificuldades e impasses em atravessá-las. Ele pode ainda ser levado pelos pais, por estes estarem sofrendo com a adolescência de seu filho, tal como os pais de Dora e da Jovem Homossexual, na clínica de Freud. Portanto, tal como a clínica com crianças, essa é também uma clínica na qual o analista muitas vezes tem de lidar com os pais, a fim de ouvir também sua implicação nesse processo de separação e luto embutido na adolescência.

A questão de saber se essa travessia é possível fora do processo de análise, nos parece que nós analistas não temos como responder, uma vez que como analistas só podemos responder pelas análises de nossos pacientes (e isso até certo ponto), e não pelos que não procuram a análise. Nessa medida, quer dizer, sem a transferência e sua resolução, estamos desprovidos dos parâmetros requeridos para tal empreitada. Ou seja, essa não deve ser nossa preocupação. Do mesmo modo, não devemos nos perder tentando detectar o fim da adolescência, uma vez que, como analistas, se há um fim com o qual devemos nos ocupar é com o fim da análise.

O objetivo, neste trabalho, foi o de, tendo partido de evidências clínicas, tentar refletir sobre as novas questões que aparecem para o sujeito

em relação à infância, e que, no momento de seu confronto com elas, o fazem procurar a análise, ou retomá-la.

É bom que se ressalte novamente, que não se defendeu aqui uma categoria, ou uma especialidade dentro da psicanálise, mas um tempo reconhecidamente da vida de cada sujeito especificado pelo surgimento de certas questões que determinam perdas e modificação de posições subjetivas.

B I B L I O G R A F I A

ABERASTURY, A. e KNOBEL, M. (1970) *Adolescência Normal*. Artes Médicas, RS, 1984.

ALBERTI, S. (1996) *Esse Sujeito Adolescente*. Relume-Dumará, RJ.

ARIÈS, P. (1975) *História Social da Criança e da Família*. Zahar Editores, RJ, 1978.

BÁRBARA, G. G. (1986) El pasaje por la adolescencia. In Ricardo Rudolfo (comp.), *Pagar de Más*. Ediciones Nueva Visión, Buenos Aires.

BARROS, M. R. C. R. (1992) A questão da adolescência. *Fort-Da* (Revista do Centro de Estudo e Pesquisa em Psicanálise com Crianças - ceppac), nº2, RJ, p. 93/ 99.

" (1996) Adolescência: quê despertar. In *Adolescência: o Despertar*, Kalimeros/ Escola Brasileira de Psicanálise, RJ.

" (1993) O pai além do mito: questão de um adolescente. *FORT-DA* (Revista do Centro de Estudo e Pesquisa em Psicanálise com Crianças - ceppac), nº 3, RJ, 1995, p. 55/ 64.

BROUSSE, M.-H. (1994) Édipo e final de análise. *Opção Lacaniana* (Revista Brasileira Internacional de Psicanálise), nº9, jan/ mar 94, SP, p. 33/ 37.

CASTRO, L.R. e SOUZA, S.J. (1994) Desenvolvimento humano e questões para um final de século: tempo, história e memória. *Psicologia Clínica: Pós-Graduação e Pesquisa*, PUC-Rio, v. 6, n°6, RJ, p. 99/ 124.

COSTAMOURA, F. T. (1995) Desenvolvimento e Psicanálise. No prelo da Fort-Da (Revista do Centro de Estudo e Pesquisa em Psicanálise com Crianças - ceppac), n° 4, RJ, *Mimeo*.

" (1995) Rei morto, rei posto: o trabalho de ultrapassagem da autoridade paterna na puberdade. Trabalho apresentado nas Jornadas da Letra Freudiana em dezembro de 1995, *Mimeo*.

COTTET, S. (1988) Puberdade catástrofe. *Transcrição*, n°4, BA, p.101/106.

" (1989) Estrutura e romance familiar na adolescência. *Adolescência : o Despertar*, Kalimeros/ Escola Brasileira de Psicanálise, RJ, 1996.

DOLTO, F. (1988) *A causa dos adolescentes*. Ed. Nova Fronteira, RJ, 1990.

ELIA, C.D.S. (1995) A criança da psicanálise. *Fort-Da* (Revista do Centro de Estudo e Pesquisa em Psicanálise com Crianças - ceppac), n°3, RJ, p. 127/ 132.

ERICKSON, E. (1968) *Identity: Youth and Crisis*. Norton, NY.

FABRIKANT, C.R. e HEFFES, P. ([1992]1993) La pubertad. *Desarrollo y Estructura en la Dirección de la Cura*, vários, Buenos Aires, p. 95/ 99.

FREUD, S. (1895) A Psicoterapia da Histeria. *ESB*, vol.II, Imago, RJ, 1980.

" (1896) Carta 46. *ESB*, vol.I, Imago, RJ, 1980.

" (1900) A Interpretação dos sonhos. *ESB*, vol. IV/ V, Imago, RJ, 1980.

" (1905) Tres ensayos de teoría sexual. *Obras Completas de Sigmund Freud*, Amorrortu editores, vol. VII, Buenos Aires, 1993.

" (1911) Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental. *ESB*, vol. XII, Imago, RJ, 1980.

" (1916/ 1917) Os caminhos da formação dos sintomas, Conferência XXIII. *ESB*, vol. XIV, Imago, RJ, 1980.

" (1917) Luto e melancolia. *ESB*, vol. XIV, Imago, RJ, 1980.

" (1918 [1914]) Uma neurose infantil. *ESB*, vol. XVII, Imago, RJ, 1980.

" (1920) A Psicogênese de um caso de homossexualismo numa mulher. *ESB*, vol. XVIII, Imago, RJ, 1980.

" (1923) O Ego e o Id. *ESB*, vol. XIX, Imago, RJ, 1980.

" (1923) La organización genital infantil. *Obras Completas de Sigmund Freud*, Amorrortu editores, vol. XIX, Buenos Aires, 1993.

" (1924) El sepultamiento del complejo de Édipo. *Obras Completas de Sigmund Freud*, Amorrortu editores, vol. XIX, Buenos Aires, 1993.

" (1925) Algunas consecuencias psíquicas de la distinción anatómica entre los sexos. *Obras Completas de Sigmund Freud*, Amorrortu editores, vol. XIX, Buenos Aires, 1993.

" (1929) Mal estar na civilização. *ESB*, vol. XXI, Imago, RJ, 1980.

" (1933[1932]) A Dissecção da personalidade psíquica, Conferência XXI. *ESB*, Imago, RJ, 1980.

" (1940[1938]) Esboço de psicanálise. *ESB*, Imago, RJ, 1980.

KALINA, E. (1979) *Psicoterapia de Adolescentes*. Francisco Alves, RJ.

KANCYPER, L. (1992) El chanco inteligente. La resignificación de las identificaciones en la adolescencia. *Revista de psicoanálisis*, set/ dez, tomo XLIX, nº 5/ 6, Buenos Aires, p.49/ 56.

KNOBEL, M. (1970) A síndrome normal da adolescência. In *Adolescência Normal*, Artes Médicas, RS, 1984.

LACAN, J. (1938) *Les Complexes Familiaux*. Navarin, Paris, 1984.

" (1956-1957) *O seminário, livro 4 - A Relação de Objeto*. Jorge Zahar Editor, RJ, 1995.

" (1958) La significación del falo. *Escritos*, vol. 2, Siglo Veinteuno editores, Barcelona, 1985.

" (1960-1961) *O seminário, livro 8 - A transferência*. Jorge Zahar Editor, RJ, 1992.

" (1969-1970) *O seminário, livro 17 - O Averso da Psicanálise*. Jorge Zahar Editor, RJ, 1992.

" (1974) El despertar de la primavera. In *Intervenciones y Textos* 2, Manantial, Buenos Aires, 1988.

" (1974) *Televisão*. Jorge Zahar Editor, RJ, 1993.

" (1975) *Conferencias y Entrevistas en las Universidades Americanas*. Manantial, Buenos Aires, 1992.

LAMY, M. I. M. (1992) O demônio da puberdade. *FORT-DA*, (Revista do Centro de Estudo e Pesquisa em Psicanálise com Crianças - ceppac), nº2, RJ, p. 87/ 91.

LAPIDUS, A. (1986) Funciones fallidas y problematica de un adolescente. In Ricardo Rudolfo (comp.), *Pagar de Más*, Ediciones Nueva Visión, Buenos Aires.

LAPLANCHE, J. e PONTALIS, J.-B. (1967) *Vocabulário de Psicanálise*. Ed. Martins Fontes, SP, 1985.

LAURENT, E. (1987) El objeto en el psicoanálisis con niños (una histeria infantil). *El Analicón - Psicoanálisis con niños*, Barcelona, p.91/101.

MILLER, J-A. (1992) Apertura de las II Jornadas Nacionales: desarrollo y estructura en la dirección de la cura. *Desarrollo y Estructura en la Dirección de la Cura*, vários, Buenos Aires, 1993, p. 7/ 12.

RODULFO, R. (1986) Funciones de superficie y funciones de corte en la adolescencia. Sus fallos a la luz de un caso. In Ricardo Rudolfo (comp.) *Pagar de más*, Ediciones Nueva Visión, Buenos Aires.

ROZENBAUM, A. (1991) Consideraciones sobre la iniciación de análisis en la adolescencia. *Revista de psicoanálisis*, set/diez, tomo XLVIII, n° 5/ 6, Buenos Aires, p. 93/ 108.

SARUÉ, S. e LOPES, A. G. (1993) A adolescência e o tornar-se desejante. *Revista Hans* (publicação da Letra Freudiana), n°1, RJ.

" (1993) O despertar da primavera... um tempo lógico. *Revista Hans* (publicação da Letra Freudiana), n°1, RJ.

SILVESTRE, M. (1982) Qu'avons nous retenu de l'enseignement de Lacan dans notre pratique de psychanalyste d'enfants. *Revue Quarto*, n°1, Belgique, p. 24/43.

" (1983) La neurosis infantil según Freud. In *Mañana el psicoanálisis*, Ed. Manantial, Buenos Aires, 1988.

TEBALDI, L. R. e GÓMEZ, P. (1991) Investigaciones sobre cambio psíquico en la adolescencia. *Revista de psicoanálisis*, jan/fev, tomo XLVIII, n°1, Buenos Aires, p. 65/70.

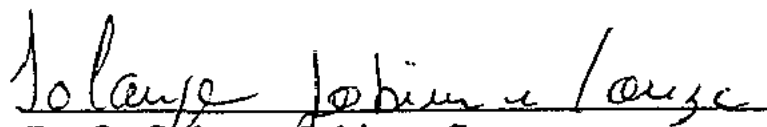
Dissertação apresentada ao Departamento de Psicologia da PUC-Rio pela aluna Anamaria da Costa Lambert intitulada "A modificação subjetiva da adolescência", e aprovada pela Banca Examinadora constituída pelos seguintes Professores:



Profª. Claudia Amorim Garcia (Orientadora)
PUC-Rio



Profª. Leticia Martins Balbi
UFF



Profª. Solange Jobim e Souza
PUC/Rio

Visto e permitida a impressão
Rio de Janeiro, ... 2... / 10 / 1997.



Jurgen Heye
Coordenador dos Programas de Pós-Graduação do Centro de
Teologia e Ciências Humanas